Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



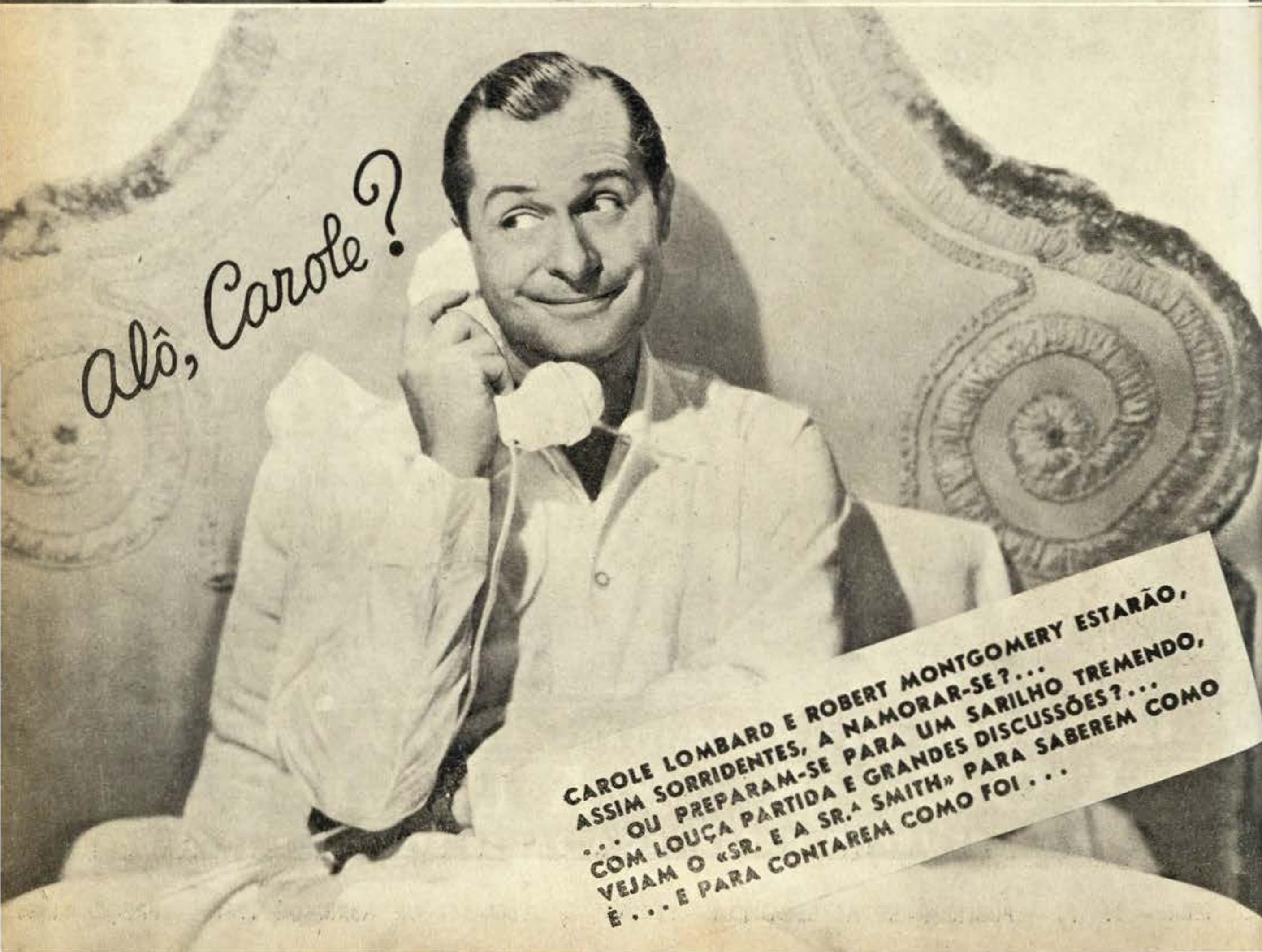
A PARTIR DE QUINTA-FEIRA, NO POLITEAMA, A ALIANÇA-FILMES APRESENTA

«PEÇO A PALAVRA!»

A OBRA-PRIMA DE FRANK CAPRA, COM JAMES STEWART E JEAN ARTHUR

2.ª SÉRIE — N.º 22 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 7 DE ABRIL DE 1941 — PREÇO: 1$50





CAROLE LOMBARD E ROBERT MONTGOMERY ESTARÃO, ASSIM SORRIDENTES, A NAMORAR-SE?... ... OU PREPARAM-SE PARA UM SARILHO TREMENDO, COM LOUÇA PARTIDA E GRANDES DISCUSSÕES?... VEJAM O «SR. E A SR.ª SMITH» PARA SABEREM COMO É ... E PARA CONTAREM COMO FOI ...

2.ª série / N.º 22 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

7 de Abril de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

«PEÇO A PALAVRA!»

o filme sensacional do grande FRANK CAPRA cujo título português se deve a um concurso do «ANIMATÓGRAFO» estreia-se Quinta-feira em Lisboa

Os filmes de Frank Capra despertam sempre um interêsse excepcional. Trata-se, de facto, de obras invulgares, que os intelectuais, elogiam francamente e que o público gosta de ver — porque um dos supremos dons daquele realizador é fazer arte tornando-a perfeitamente acessível às plateias menos exigentes e que no cinema apenas procuram espectáculo e distracção. Os filmes de Capra, mesmo os mais transcendentes, como «Horizontes Perdidos», chegam com efeito ao público, que os distingue e quere ver. Sempre com o sentido nítido de fazer espectáculo e de defender, inteligentemente, os interêsses comerciais, que são legítimos, Capra consegue impôr-se sem subordinar a arte à bilheteira e sem subordinar a bilheteira à arte. Assim, «Não o levarás contigo» — para citarmos só o seu mais recente trabalho exibido entre nós — conheceu, lá fora e em Portugal, uma vida de cartaz raras vezes alcançada por qualquer outro filme. Inútil nos parece recordar o êxito espantoso que essa curiosa comédia satírica de Capra teve no nosso país. Filme de boa qualidade, êle provou eloqüentemente que o público, ao acorrer à sala onde êle se exibia —como acorreu às salas que exibiram «Horizontes Perdidos», «Uma noite aconteceu», «Milionária por um dia», «Doido com juizo» — sabe apreciar o que tem real valor e gosta, sem dúvida alguma, de trabalhos com «conteúdo». E se êsse mesmo público acorre a certas obras de fancaria, quem sabe se é porque, na ocasião, não lhe dão melhor para ver e apreciar!

«Peço a palavra!» — um filme apadrinhado por Animatógrafo

Saüdamos sempre, com alegria, os filmes de Capra, mas «Peço a palavra» merece-nos um interêsse particular porque êle é, a bem dizer, da casa. Fomos os seus padrinhos, como o leitor deverá recordar-se, e tão bons padrinhos que demos sorte ao Antero Faro, que arrecadou um cheque de 500 escudos, oferecido pela Aliança-Filme.

O título português, sugestivo e conciso, está perfeitamente justificado. «Peço a alavra» assenta como uma luva na comédia de Frank Capra porque se trata dum senador que, ao contrário de todos os outros, satirizados no filme, é um homem leal, sincero e que pretende representar, de facto, a vontade do povo. É então, em plena sessão no Senado de Washington — cenário maravilhoso construído nos estúdios de Hollywood, segundo fotografias e plantas autênticas — que o senador provinciano e sincero grita num assomo de indignação:

— Peço a palavra!

E inicia um discurso que dura vinte e sete horas (não se assuste o leitor!), conquanto o jovem senador não consiga bater o «record» dos discursos quilométricos, que, apesar de tudo, ainda pertence a Portugal...



O cenário mais característico de «Peço a palavra!» (Mister Smith goes to Washington) é êste enorme corredor, onde compreendemos muito bem que Frank Capra tenha querido ser fotografado

«Peço a Palavra» *(Mr. Smith goes to Washington)* é uma comédia extraordinária, recheada de graça, de espírito e de finas caricaturas do mundo político americano. A sátira, intensa e poderosa, cai como um cutelo nos sectores dos velhos Parlamentos. Às vezes, parece que Frank Capra está a pensar como aquela personagem de Shakespeare: «Pois se o mundo é uma ôstra, hei-de abri-lo com esta espada».

Será necessário dizer que «Peço a palavra!» é um filme caro, muitíssimo caro? A encenação, luxuosíssima, tem uma categoria invulgar. Só a reconstituïção do Senado de Washington custou uma pequena fortuna que faria as delícias de qualquer mortal. O leitor julgará, daqui a poucos dias.

Os intérpretes

Notável, absolutamente notável neste filme — «Peço a Palavra!» — é a interpretação. Frizemos, a propósito, que Frank Capra, realizador latino, nascido em Itália, é um dos maiores mestres no Cinema em matéria de direcção de intérpretes. Não admira, portanto, que numa obra de tamanha responsabilidade como a que a Aliança-Filme vai apresentar entre nós, o director de «Uma noite aconteceu» primasse em obter dos seus artistas o maior rendimento possível. James Stewart, Jean Arthur, Edward Arnold formam triângulo principal do elenco.

Stewart, que conta tantos admiradores no nosso público, ganhou, como se sabe, o primeiro prémio de interpretação masculina da Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Parece-nos inútil falar do seu valor e das suas estupendas qualidades. Stewart veio provar, pela imagem animada, ser possível a existência dum galã melancólico e tímido — com grande pesar da literatura que dificilmente o poderia aceitar.

«A Cidade Turbulenta» foi a prova real do que afirmamos.

Jean Arthur, actriz de grande categoria alcançada por mérito próprio, comediante que recebeu os seus melhores louros em «Aventuras de Buffalo Bill», «Não o levarás contigo» e «Bigamia», é a «leading-lady» e tem uma criação curiosíssima, notável.

Arnold, artista conhecido, secunda com a competência de sempre. Será desnecessário chamar a atenção do leitor para o seu nome, porque tôda a gente o conhece e admira.

O elenco de «Peço a Palavra!» reüne vários artistas muito da predilecção das nossas plateias. Assim, temos Claude Rains, no papel de «Senador Paine»; Eugène Pallette, no de «Senador Smith»; Guy Kibbee no de «Governador Hopper»; Thomas Mitchell, que admirámos recentemente em «Tormenta a bordo», no de «Diz Moore», e Beulah Bondi, H. B. Warner, Harry Carey, Grant Mitchell, Larry Simms e outros.

A história original é da auto-

Um cenário que reproduz fielmente o senado dos EUA

ria de Lewis R. Foster e a planificação de Sidney Buchman. Dimitri Tiomkin assina a partitura.

PREPAREM-SE PARA VER «PEÇO A PALAVRA!»

Poucos dias faltam para a estreia da nova produção de Frank Capra. A expectativa é grande não só por se tratar duma obra daquele realizador mas também por ela vir precedida duma fama garantida pela opinião dos mais exigentes críticos americanos e pela afluência do público às bilheteiras dos Cinemas onde corre a curiosa sátira à vida parlamentar dos Estados Unidos.

O filme apadrinhado por «Animatógrafo» e baptisado por nosso intermédio vai divertir, certamente, as nossas platéias.

Não desejamos divulgar o entrecho da história de Lewis R. Foster para não diminuir o interêsse dos admiradores das obras de Capra e das interpretações de James Stewart e de Jean Arthur. Esperemos, pois, mais uns dias, para satisfazer a nossa natural e justificada curiosidade.

M. da C.

Peço a palavra!...



Um ângulo particularmente feliz, em que pode apreciar-se a fidelidade da reconstituïção do Senado de Washington. De pé, na galeria reservada ao público, Jean Arthur

Frank Capra

Franck Capra volta a estar na berra—nos Estados Unidos, por motivo da estreia do seu último filme, «*Meet John Doe*», que se anuncia como a sua obra mais importante; em Portugal por causa da próxima apresentação do seu penúltimo trabalho, «*Mister Smith Goes to Washington*» (que Antero Faro, por intermédio do concurso aberto pelo *Animatógrafo*, baptizou com o título «Peço a palavra!»), o qual, na opinião autorizada do conhecido crítico de arte inlgês Edward Carrick, é um dos melhores filmes realizados desde o nascimento do cinema, debaixo dos pontos de vista artístico, social e técnico («*The Studio*», n.º 570, Setembro, 1940).



James Stewart, «Oscar» de 1940, na famosa cena do discurso interminável, mostra os telegramas que, de tôda a parte, o aplaudem e incitam

Se as suas faculdades inteiramente excepcionais se haviam já manifestado em filmes anteriores (nomeadamente no «Atleta à fôrça», de Harry Langdon), foi a sua série de produções realizadas em 1932-34—«A loucura americana», «Milionária por um dia», e em especial «Esta noite aconteceu...» — que impôs o seu nome, revelou a sua personalidade e alicerçou o enorme prestígio que veio a disfrutar no mundo inteiro, não só nas esferas cinematográficas como fora delas, pois Frank Capra é uma das raras personalidades do cinema — com Chaplin, Disney e poucos mais— cuja popularidade transcende as fronteiras do sector cinematográfico (isto, sem contar com os actores, evidentemente). Por isso cada filme seu é um acontecimento—em Hollywood, em Nova-York, como em Buenos Aires ou em Lisboa.

«O SAL DO RISO E A PIMENTA DA CÓLERA»

«Capra é perito naquilo a que chamarei *polémica cinematográfica*, e a que não falta, segundo a receita de Léon Daudet no seu *Bréviaire du journalisme*, o sal do riso e a pimenta da cólera». Esta observação de António Lopes Ribeiro explica em grande parte o êxito obtido pelas suas obras—o seu êxito total e mundial. De facto, como polemista (o



Outro aspecto do Senado, em plena sessão. James Stewart pede a palavra

Peço a palavra!...

(Continua na pág. 6)

PANORÂMICA

O «imperativo teatral»

Pedro de Moura e Sá, que há quem considere «o Moniz Barreto da nossa geração» — como disse Carlos Queirós na feliz apresentação do conferencista — realizou no Círculo Eça de Queiroz uma conferência sôbre o tema «O Teatro e a Vida».

Moura e Sá falou da necessidade instintiva do homem — e até do animal — de assistir a espectáculos e de se dar em espectáculo, isto é: de ser, alternadamente, espectador e actor, necessidade ou instinto a que chama «imperativo teatral». E, quer citando autores, quer desenvolvendo raciocínios da sua lavra, foi brilhante.

Salientemos a corajosa atitude de tocar num assunto particularmente delicado e intrincado, como tudo o que se prende com a psicologia dos espectaculantes e a metafísica do espectáculo. Assunto que daria grande número de ensaios, utilíssimos ao esclarecimento de tantos «mistérios» fundamentais. Moura e Sá abordou-o com a familiaridade dos que, por o meditarem longamente, se podem permiti-lo tratá-lo assim.

Convidamos o Presidente da Direcção do Sindicato Nacional da Crítica a prosseguir sem tréguas na análise encetada, até chegar às conclusões que o seu alto espírito lhe permitirá decerto abranger por completo.

O caso do Rivoli

Encontrou, felizmente, a melhor solução, a dúvida que se arrastava há meses entre o S. N. dos Profissionais de Cinema e a Emprêsa do Cinema Rivoli do Pôrto. A sr.ª D. Maria Borges, que hoje se encontra à frente daquela casa de espectáculos, por impedimento, devido a motivos de saúde, do sr. Pires Fernandes, prontamente acedeu ao pedido que lhe foi feito directamente pelo Presidente da Direcção do Sindicato. Nem outra coisa era de esperar do seu generoso coração e da sua inteligência.

As raparigas do Rivoli estão mais contentes. E dar um pouco de alegria a vinte raparigas é tarefa digna de pessoas de bem.

Uma carta de A. Coelho

Recebemos nova carta de Adolfo Coelho replicando à que publicámos de Roberto Nobre. Dela daremos notícia no próximo número, visto que a escassês do do espaço nos impede de o fazer imediatamente. Trata-se, aliás, duma simples «mise-au-point» — e com isso daremos por concluída uma disputa em que «Animatógrafo» só interveio por estar em jôgo um artigo publicado nas suas páginas.

Explicação dum êxito

O êxito formidável de «Balalaika» causa engulhos aos intelectuais cinéfilos e surpreende os mais experimentados. Não que o filme não seja um modêlo de concepção espectacular, daqueles que jogam em baldas certas, e transigem sem rebuço com as preferências do público — embora sem perder a linha qualitativa.

Mas tôdas as doutrinas de «star power» e de «êxito feito» aluem perante esta produção, interpretada por dois artistas sem grande ou até sem nenhuma popularidade em Portugal, um dos quais, Nelson Eddy, tem aparecido em filmes infinitamente melhores, mais bem construídos e mais originais, sem jámais ter conseguido o que agora consegue: levar uma autêntica multidão ao Eden, que bate todos os «records» de afluência e receita.

Um êxito não se discute. Mas é natural que uma revista da especialidade pretenda explicá-lo, como deve pretender explicar o fracasso de filmes de muito mais alta categoria artística, inclusivamente no consenso do próprio distribuidor.

E a explicação é esta: «Balalaika» atinge a máxima qualidade a partir dum mínimo de complicações. É uma espécie de sublimação do que está ao alcance de todos os intelectos — e de tôdas as bôlsas, pôsto que o referido espectáculo se exibe, como costumam dizer os teatros, «a preços de cinema»...

O MOMENTO OPORTUNO

As pessoas que em Portugal se preocupam e ocupam da produção cinematográfica portuguesa dividem-se em duas categorias: as que querem que exista uma produção portuguesa digna e suficiente para manter técnicos, artistas e material em constante e regular laboração e as que querem que se façam filmes portugueses, mas com a condição de serem produzidos por seu intermédio ou com a sua interferência.

Não é preciso grande prática destas coisas, nem fazer um estágio demorado em Hollywood, para apreender a diferença entre estas duas atitudes. E também não se torna indispensável o curso da Faculdade de Direito para atingir que a atitude das segundas prejudica altamente o objectivo das primeiras.

Quando escrevemos «atitude» fizemo-lo muito propositadamente, pois não se trata dum «critério». Atrevemo-nos antes a dizer que é falta de critério...

É inútil tentar enfiar a carapuça supra na cabeça de alguém, seja lá de quem fôr. Infelizmente, há várias cachimónias à escôlha, e qualquer delas alterna paradoxalmente, em ditos e escritos, duma para outra posição, conforme sopra o vento e abunda ou falta o filme impressionado, isto é: quando há «frèguezes», quando aparecem miraculosamente capitais, quando se propõem argumentos e se indigitam artistas e realizadores, toca a arrebanhar, a concentrar, a criar compromissos e estabelecer calendários, de forma a que todos êsses projectos, mais ou menos viáveis e mais ou menos interessantes, sejam canalizados pela mesma via. A atitude é legítima, sob o ponto de vista puramente «administrativo». Não o é porém sob o ponto de vista «económico», pois à economia da indústria convém precisamente que o cinema português esteja «em tensão», quere dizer: com possibilidades de produzir dum momento para o outro um número de filmes muito superior ao que actualmente produz, filmes portugueses que podem, inesperadamente, tornar-se necessários à movimentação dum mercado que, embora pequeno, não poderia contentar-se com três ou quatro fitas por ano.

Quando, pelo contrário, a produção paraliza, o estúdio se transforma num barracão vazio e o laboratório toma o ar melancólico das fábricas paradas, então fervilham as boas intenções, as idéias generosas de colaboração, de apoio mútuo, os planos de produção contínua, tôda a teoria de atitudes opostas à atitude anterior.

Como na história antiga do Egipto, às vacas gôrdas sucedem-se as vacas magras. E, tal como a Bíblia conta, em sua linguagem altamente poética e profundamente simbólica, todo um cortejo de pragas cai sôbre o pobrezinho do cinema português, culpando-se realizadores, operadores, engenheiros de som, intérpretes, figurantes, dum estado de coisas de que êles são puras vítimas e em que lhes não cabem outras responsabilidades senão as de crer e querer, de acreditar e desejar, com tôdas as veras da sua alma, que exista uma produção cinematográfica nacional.

Se eu falasse por parábolas, como o Destry da «Cidade Turbulenta», poderia contar-lhes a história patusca dum amigo meu que imaginou um dia ser capaz de combater sòzinho o tal estado de coisas, e ordenar o cáos a golpes de lógica. Mas como sou forçado a empregar um estilo mais directo, e as circunstâncias não justificam ainda a enumeração sistemática dum certo número de razões e duma caterva de verdades duras, continuemos a supor que as coisas são assim por não poderem ser doutra maneira e que disso ninguém tem culpas no cartório.

Porque a verdade é que nada se remedeia com palavras — mas com actos. Por isso estamos dispostos a agir — sem desistirmos de falar, é claro — mas agindo primeiro e falando depois.

E vamos agir porque o momento é oportuno.

Que se não diga, ao menos, que desertamos da fileira naquele instante que apontamos como psicológico. Porque o panorama do cinema em Portugal é êste: faltam os filmes europeus; os filmes americanos podem deixar de vir dum momento para o outro, por trinta mil razões, de que a primeira é esta: deixar de interessar às firmas americanas um mercado tão reduzido como o nosso. Que há-de passar depois nas nossas duzentas e cinqüenta salas, se não se fizerem filmes portugueses?

Portugal não tem o direito de perder êste momento único. Se o deixar fugir, como deixou fugir tantos outros (o êxito da «Severa» no Brasil, a fundação da Tobis Portuguesa, etc.), talvez não volte a surgir-lhe mais nenhum, pelo menos tão cêdo. E arrisca-se a que já seja tarde, quando surgir algum que pretenda aproveitar.

Tem-se falado muito, nestes últimos tempos, em «continuïdade»...

Mas que essa continuïdade se não verifique na rotina, na desordem nem na curteza de vistas!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A CARREIRA DO REALIZADOR FRANK CAPRA

(Conclusão da 4.ª página)

que não é o mesmo que um panfletário) Capra aborda sempre nos seus filmes certos problemas político-sociais—aquêles que mais apaixonam a opinião pública nestes tempos de profunda evolução em que vivemos. Mas a sua veia polemística é sempre mais «salgada» pelo bom humor do que «apimentada» pela cólera—como convém ao modo de expressão que utiliza, o qual (Capra nunca o esquece) comunica com a multidão *como espectáculo*. Fácil é de ver que essas intenções de polémica—aquêles «temperos»—é que dão o sabor dominante, o verdadeiro «picante» do «Doido com juízo», do «Não o levarás contigo», até do conceituoso «Horizonte Perdido»—e conforme em breve se verificará, do «Peço a palavra!». Mas isso não basta para explicar as rotundas vitórias de bilheteira conquistadas por essas obras. Frank Capra têm ainda outras cordas na sua guitarra—nesse instrumento mágico com que embala e domina as plateias como um faquir fascina serpentes com uma flauta de cana.

PERSONAGENS NOSSAS AMIGAS

A seguir à atitude polemística de Capra, o principal motivo de atracção e domínio do espectador que encontramos nas suas obras reside naquilo que Valério Jahier definiu num estudo intitulado «42 anos de cinema»: «a faculdade de nos prender às personagens pela sua humana cordialidade, sem recorrer ao pitoresco fácil». Esta faculdade rara parece-nos, na realidade, indiscutível. É ela que explica fundamentalmente o êxito de filmes sem quaisquer intenções de polémica, como «Uma noite aconteceu...» ou «Derradeira Vitória» (*Broadway Bill*).

Poucos autores cinematográficos conseguem de facto como Frank Capra, *aproximar* do público as suas personagens. Minutos volvidos sôbre a sua apre[illegible]io, o espectador fica de tal forma interessado com as figuras do filme, sente-as tão próximas de si, tão «familiares», que se torna imediatamente e verdadeiramente *amigo* delas. Reflitam num momento e verificarão que isto é assim mesmo. Lembrem-se por exemplo do sr. Deeds, aquêle rapaz provinciano que fazia versos para postais ilustrados e tocava trombone; evoquem o velho perito filatélico, tocador de gaita de beiços ou o manga-de-alpaca inventor de brinquedos; recordem o par de namorados, também do «Não o levarás contigo», que Jean Arthur e James Stewart interpretaram—e chegarão por certo à conclusão de que, ao ver essas figuras no *écran*, sentiram-se de-facto *amigos* delas. Como consegue Frank Capra semelhante efeito? É difícil de definir; no entanto pode-se afirmar que isso derivará, em boa parte, do seu enorme talento para dirigir actores. «As suas cenas de amor, principalmente, têm um cunho inconfundível. No fim de cada um dos seus filmes o espectador acredita firmemente que o casalinho que se beijou no último plano, por força dêsse adorável ritual da cinematografia,—vai ser *com certeza* muito feliz. E isto, que parece que não é nada,—é um mundo» (A. L. R.).

Por isso mesmo ninguém nos tira da cabeça que o «idílio das amoras» representado por Irene Dunne e Melvyn Douglas em «Os Pecados de Teodora», filme que Capra super-visou, não foi dirigido por êle próprio.

PEÇO A PALAVRA!



Frank Capra verifica um ângulo de filmagem



Frank Capra é um pianista distinto

PEÇO A PALAVRA!



Uma bateria de três câmaras de filmar toma uma cena de «Peço a palavra!»

CAPRA PEDE A PALAVRA MAIS UMA VEZ

Tudo o que atrás relembramos dá-nos a certeza de que «Peço a palavra!», tal qual aconteceu com o «Doido com juízo» ou «Não o levarás contigo», vai obter um êxito absoluto em Portugal, exactamente como obteve nos Estados Unidos.

A história original que lhe serve de base, da autoria de Lewis R. Forster (pela primeira vez um grande filme de Capra não teve a colaboração do argumentista e planificador Robert Riskin), possue qualidades excepcionais — e basta para o garantir o prémio do melhor argumento original que lhe foi atribuído o ano passado pela Academia Americana das Artes e Ciências cinematográficas. E além dessas qualidades excepcionais a história pertence também ao tal género polemístico: como sabem, todo o enrêdo gira à volta das manobras mais ou menos inconfessáveis dos politiqueiros profissionais. Podemos pois ter a certeza que, embora seja o seu herói que vamos ouvir falar, é Capra quem *pede a palavra*, neste seu novo filme! Não é fácil imaginar o partido que Frank Capra terá tirado [duma] história que lhe permite satirizar a política dos partidos...

Por outro lado o conhecimento que já temos do filme, colhido em leituras várias, garante-nos que a figura do protagonista, interpretada superiormente por James Stewart, êsse extraordinário actor, nada ficará a dever ao sr. Deeds, o «doido com juízo», ou a qualquer outra dessas famosas personagens bizarras e extravagantes com que Frank Capra costuma povoar os seus filmes. O sr. Smith, escoteiro provinciano que chega a senador em Washington, e a jornalista desembaraçada que o auxilia e anima na sua campanha reformadora (Jean Arthur), constituem por certo mais um casal eminentemente simpático, que vai tornar-se «íntimo» do público cinéfilo em pêso.

O prestígio de Frank Capra é tal, a sua fama está já tão generalizada, tão divulgada, que pouco mais poderão aumentar. Mas temos a certeza, a convicção firme, de que êsse prestígio e essa fama vão ficar consideràvelmente consolidados, depois da apresentação do «Peço a palavra!» —

A. M.

JEAN ARTHUR

A ACTRIZ FAVORITA DE FRANK CAPRA

Por essa altura a Fox, como as demais companhias suas rivais, realizava um esfôrço apreciável de forma a incluir nos elencos dos seus filmes caras novas, sangue novo que viesse arejar os camarins dos seus estúdios.

Pocurando em tôda a parte, esquadrinhando tudo, os «talent scouts» empenhavam-se na descoberta de personalidades novas que servissem a Hollywood e chamassem, mercê da sua beleza ou do seu talento, a atenção e despertassem o interêsse dos cinéfilos de todo o mundo.

Os teatros e as galerias dos grandes armazéns, os «dancings» e as casas de modas, os estúdios de pintores e os institutos de beleza, nada escapava à sagacidade e à perseverança dos enviados de Hollywood, principescamente pagos, podendo «lançar», dum dia para o outro uma nova vedeta, ontem ainda ignorada e despercebida.

Jean Arthur descobre Hollywood

Muitas fracassavam sem passar das inevitáveis provas que iriam decidir do seu futuro, da sua carreira no Cinema. Outras, bem mais felizes, logravam transpôr, vitoriosamente, essa barreira, que de forma inexorável refreava os seus anseios e as suas ambições.

Entre as poucas que tiveram essa suprema satisfação, estava Jean Arthur.

Jean não vinha do teatro, como a maioria. Nunca tivera tido até a oportunidade de pisar um palco, jamais tivera assomado à beira duma ribalta. Fôra num «atelier» de desenhadores comerciais em que, curiosa coïncidência, Norma Shearer trabalhava também, que um «talent scout», da Fox a fôra descobrir.

Era um dos mais apreciados modelos que Nova York possuia. De 1920 a 1923 o seu retrato aparecia, periòdicamente, nas páginas garridas dos magazines reclamando os produtos mais dispares. Hoje aconselhava a compra de cigarros de certa marca ou dum novo modêlo de automóvel; no dia seguinte dizia maravilhas dos milagres dum produto de beleza ou de elegância duma cinta impecável.

E foi assim, tal como sucedeu a tantas outras artistas da tela, a Janette Mac Donald e Robert Taylor, Alice Faye e Don Ameche, Ingrid Bergman e Jack Payne, Linda Darnell e Fred Mac Murray, Deanna Durbin e Richard Greene, Franchot Tone e Ilona Massey, Cary Grant e Katharine Hepburn, Nelson Eddy e Norma Shearer, que Jean Arthur deu entrada pela mão orgulhosa e feliz dum «descobridor de talentos».

Algumas fitazinhas em duas partes, servem-lhe de indispensável treino para maiores cometimentos, para vir depois a fazer papéis mais importantes em filmes de maior categoria. «O Templo de Venus» e «O Homem dos Camafeus» com Eleanor Boardman e o saudoso John Gilbert, que os cinéfilos de velha data não deixaram escapar por certo, no «écran» do Condes, são dessa época.

A sua carreira no «lot» de William Fox não foi duradoira, pois que em 1925 a Paramount conseguia entusiasmá-la com um contrato deveras invejável. E ràpidamente percorreu o caminho que separava os estúdios da Fox em Beverly Hills, aos de Marathon Street.

A primeira revolta de Jean Arthur

Implìcitamente, a sua categoria sobe na escala hierárquica do estrelato. De «supporting player» passa ao grau superior de «leading-lady», de «parceira» de vedetas sòlidamente estabelecidas.

Richard Dix em «Warming Up» que o Tivoli exibiu com o título de «O Vencedor» e um «Campeonato de Amor» teve-a no fim do filme nos seus braços amorosos e desportivos. «Os Pecados dos Pais» com Emil Jannings; «O drama duma Noite» e a «Rua do Pecado» ao lado de William Powell foram outros filmes seus. Mais vinte filmes marcam ainda a sua carreira no programa da Paramount.

Naturalmente, Jean Arthur, como tôda a gente, tem ambições. Está farta do segundo plano. Quere voar mais alto, sente asas para tal. Mas a Paramount não parece de acôrdo em proporcionar-lhe o passo em frente, tão ambicionado.

E Jean Artur, de ordinário doce como um cordeiro, revolta-

(Continua na pág. 15)



Jean Arthur foi a intérprete de «Doido com Juizo», de «Não o levarás contigo» e de «Peço a palavra!», três filmes dirigidos por Capra



«Hello!» — gritou o fotógrafo. James Stewart e Jean Arthur, que iam tranqüìlamente almoçar depois das filmagens matinais, voltaram-se — e deu êste resultado

À Margem das Fitas

POR RAUL FARIA DA FONSECA

Na China, o processo de «dobragem» de filmes reveste um aspecto extremamente curioso e que consiste em projectar apenas as imagens, ficando o diálogo a cargo dum grupo de locutores, colocados por detrás da tela, junto dum microfone ligado aos alto-falantes da sala.

Como é sabido, o processo normal de «dobragem» resume-se à gravação de nova margem sonora, feita em estúdios e laboratórios apropriados a êsse fim, e os filmes «dobrados» são proibidos, como entre nós quaisquer outros, sem mais complicações.

Na China, porém, nem há êsses laboratórios e estúdios, nem uma língua nacional uniforme. De região para região e, até, de localidade para localidade, ela modifica-se, ao ponto de haver quási tantos dialectos diferentes quantas as salas onde se exibem fitas. Daí a impossibilidade e a inutilidade de se gravarem margens sonoras, pois o mesmo seria que preparar filmes para uma única sala. Por isso, optou-se pelo sistema acima referido. As fôlhas dos diálogos são distribuídas pelos locutores privativos de cada sala, cuja prática extraordinária permite, sem demorados e numerosos ensaios, nem quaisquer interrupções ou atrazos, acompanhar a acção e sonorizá-la.

•

Joan Crawford demonstrará no Domingo de Páscoa que é melhor dar do que receber. Quem com ela trabalha para manter cómoda e atractiva uma das mais agradáveis casas de Hollywood durante o ano terá uma surpresa agradabilíssima. Assim, na véspera da Páscoa, dirá às criadas e ao motorista para virem no dia seguinte à mesma hora. Quando chegarem, porém, ficarão muito surpreendidos.

O «chauffeur» receberá um fato completo. A secretária da estrêla, um vestido, calçado e chapéu, para a Primavera. A criada de quarto recebe uma mobília. Depois disto, os criados poderão ir passear e divertir-se. À noite haverá festa em casa de Joan Crawford. No final, far-se-á a exibição dum filme, no salão privativo da popular estrêla.

•

Segundo um telegrama de Berlim, o Dr. Joseph Goebbels convidou um grupo de actores alemães, produtores e directores cinematográficos, para uma sessão especial, em que foi exibido o filme «...E tudo o Vento levou» (Gone With the Wind), o qual, como todos os outros filmes americanos, não poderá ser apresentado nas telas germânicas.

Os artistas, proletários de Hollywood

Todo o jornalista que visita Hollywood vem de lá com um livro debaixo do braço.

Por duas razões: primeira, porque o assunto é de tentar; segunda, por ser muito vasto o público nele interessado.

Umas vezes o livro vale uma reportagem, outras oferece-nos um verdadeiro relatório, e num caso ou noutro o autor fica incluído na descrição: vemo-lo retratado na índole da obra.

Temos lido algumas dessas publicações, mais por cinefilia do que por amor à literatura, embora nem sempre esta desiluda.

E feito o balanço, podemos talvez dividi-las assim:

1.° — aquelas em que o autor, depois de andar a farejar por debaixo dos divãs e à porta das boticas (em Hollywood há com certeza uma botica!), conta os últimos e mesmo os penúltimos escândalos da nova Babilónia, com muita pena que a censura não lhe deixe escrever tudo «na íntegra», porque assim «vendia-se» mais;

2.° — as que se apresentam carregadas e sobrecarregadas de descrições de carácter técnico, com grande cópia de palavras esquisitas, cada uma das quais significando uma particularidade da grande máquina cinematográfica;

3.° — as que tratam o Cinema na generalidade e observam depois as conseqüências morais e sociais do seu labor.

São estas últimas as que mais podem interessar o público que não seja coscovilheiro (1.° grupo) ou não possua cultura especializada sôbre o assunto (2.° grupo).

E delas julgamos ter extraído alguns ensinamentos que a seguir reproduzimos.

* * *

A impressão mais profunda que causa Hollywood é a de que se está perante uma série de grandes oficinas, formando o todo uma grande fábrica — a «fábrica das ilusões».

E logo acodem ao espírito os guindastes, as rodas dentadas, as correias sem-fim...

À manivela está naturalmente o operário (a atenção presa, os movimentos rápidos), complemento do resto, roda também: — o artista de cinema.

Como indústria das mais importantes da América, foi alvo do estudo de pessoas especializadas em lubrificar os grandes engenhos de modo a tirar dêles o máximo do rendimento com o menor desgaste possível.

E de perfeição, metido nesta engrenagem onde cada vez havia menos espaço para «folgas», o artista que trabalha para o cinema ficou reduzido à condição de proletário, na mais baixa acepção da palavra.

Depois de se obrigar a estreita disciplina todos os sectores do fabrico, era com efeito tentador ditar regras uniformes aos artistas, fazê-los ler a mesma cartilha donde constasse os métodos a empregar para que não haja desperdícios... espirituais.

Como se pode julgar que estamos neste momento com o fígado a funcionar mal, ou com propósitos preconcebidos, vamos ilustrar o que fica dito com um elucidativo exemplo.

Os escritores encarregados do argumento dos filmes não trabalham em suas casas, mas intra-muros da emprêsa que os contratou. Assim, guardados à vista, estes intelectuais-taxis (ò livre América-) escrevem isolados do resto do mundo, entregues sòmente ao esfôrço de espremer os miolos para que dêles brotem as ideias trazidas à pressa para o papel. E dizemos à pressa porque, de espaço a espaço, um telefone retine e por detrás dêste a voz dum capataz pregunta impiedosamente o número de páginas dactilografadas, de formato-padrão, que se encontram já preenchidas.

Neste século de muitos e desvairados aspectos, não conhecemos manifestação mais completa de servidão humana. É escravatura autêntica.

* * *

Vale a pena alongarmo-nos citando as cláusulas bizarras, melhor diríamos vexatórias, de certos contratos que, consoante os casos, obrigam o artista a não engordar ou a não emagrecer, a apresentar-se em trajes de reduzidas dimensões, a não casar a passar do bailado para a comédia e desta para o drama, sem se ter em atenção as naturais inclinações de cada um, fazendo pensar que se trata de qualquer coisa parecida com a engorda dos patos para o fabrico de «foie-gras» — e nunca dum acôrdo entre pessoas dignas e... livres?

Àqueles que entendem estar tudo bem desde que não haja coacção e que ninguém obriga ninguém a assinar contratos desta natureza, é bom lembrar que Hollywood é a cidade do mundo onde se dão mais casos de suicídio não já proporcionalmente, mas em absoluto (!) — porque a fome é negra e os estabelecimentos de caridade não abundam, antes pelo contrário.

Basta dizer-se que não existe qualquer instituição de previdência entre os artistas de cinema.

Na América não são só os automóveis que se deitam fora quando já não servem.

Tendo à sua disposição tanta inteligência, sem o emprêgo dos métodos que verberamos a que altura teria chegado hoje o cinema americano?

Seguramente os lucros extraídos de tamanha emprêsa seriam menores, mas o Walt Disnev não teria o aspecto de oasis perdido num deserto — em que a arte é muitas vezes apenas uma miragem.

A. DE CARVALHO NUNES

Enquanto se filma «LOBOS DA SERRA»

(Duas anedotas autênticas)

O trabalho no estúdio, como sempre, começa cedinho. Às sete da manhã já é grande a azáfama nos corredores dos camarins pois tudo se prepara vigorosamente para os trabalhos que devem começar daí a momentos. Com êste madrugar são os actores de teatro os mais sacrificados pois têm espectáculo nocturno até às tantas. De forma que nos intervalos das filmagens enquanto o operador, iluminador e electricistas instalam e afinam as luzes quási sempre aproveitam para, depois de revisto o diálogo, cochilar um bocado.

Num dêsses intervalos estava, há dias, o Armando Machado, enquanto se filmava um plano em que não intervinha, a passar pelo sono. A certa altura, segundo a rubrica da acção, António de Sousa num momento de grande intensidade dramática, quando pretende segurar a roda duma azenha ameaçada pela cheia grita para a Maria Domingas:

— Guida! Dá cá dali aquela corda.

Com o berro Armando Machado abre os olhos estremunhado só ouve o fim e pregunta inquieto.

— Aquilo de «a corda» é comigo?!

Isto no meio do religioso silêncio do estúdio enquanto se filma provocou uma gargalhada daquelas que vão de ponta a ponta do estúdio.

* * *

E, ainda uma anedota para fechar porque são as anedotas que conseguem amenizar o trabalho intenso, esgotante do estúdio. Há dias, tratava-se de, durante a filmagem dum plano fazer com um balde próprio o ruído distante da água marulhante dum rio. Quando se acabou o plano o assistente encarregado da tarefa exclama com um ar muito cansado:

— Livra! Parece que saí fora de pé!

F. G.

* * *

Pelo facto de contarmos estas duas anedotas verídicas não julgue o leitor que a vida no estúdio é uma maré de rosas ou uma carga de «ócios». Nada disso. Tanto assim que podemos garantir estar quási pronta a filmagem dos interiores, restando apenas, depois, alguns exteriores a fazer.

F. G.

CINEMA PORTUGUÊS

Para rir e chorar por mais

(Um artigo de 1.ª necessidade)

O leitor prepara-se para desopilar o fígado, esperando rir com um artigo pândego, recheado de boas piadas, de bons ditos de espírito, de sãos trocadilhos, daqueles que fazem rebentar uma plateia e constituem autênticas foguetadas. Mas nestes tempos sombrios, a veia cómica secou e o estro foi atirado para o sótão, onde repousa como um velho bandolim sem cordas. Dissemos que êste artigo é de primeira necessidade e não mentimos. Todavia — declaramos já — não vamos abordar assunto inédito.

O título que encabeça estas linhas não pretende afirmar que elas sejam para rir e chorar por mais. Não, leitores, o caso é outro e, como tal, rogamos-lhe que passem as poldras dos asteriscos que aparecem aqui a separar o artigo e que entrem connosco na matéria.

* * *

Uma vez, um senhor fleugmático, sereno, imperturbável, saiu de casa, aspirou o ar fresco da manhã, comprou o jornal, meteu-se no seu esplêndido automóvel e disse ao motorista:

— Lionel. Segue para os Correios. É muito urgente.

Fechada a portinhola do carro, Lionel destravou e parou duas portas adiante, no edifício seguinte, onde se lia em grandes letras: CORREIOS.

O senhor fleugmático desceu, sacudiu a calça com a «badine», entrou no edifício e dirigiu-se à bancada para preencher um telegrama. O aparo, todavia, emperrava no papel. Então, tirou uma pena que saía agressivamente do chapéu duma senhora que estava ao lado e mergulhou-a na tinta, escrevendo:

«— Meu caro tio. Estou aflitíssimo. Assaltaram-me esta noite o cofre e levaram as jóias. Mande-me dois polícias...»

Distraidamente, o senhor repôs a pena no lugar, mas a senhora saíra, cedendo a vez a um senhor de côco e farta bigodeira. A pena ficou presa na fita do chapéu de côco. Os dois homens olharam-se.

No passeio, um sujeito qualquer olhava o magnífico automóvel.

— Aqui está um carro estupendo...

— Gasta dezoito litros aos cem quilómetros — explicou o senhor fleugmático.

— Caramba! é dispendioso!

— Pois sim, mas eu é que não dou passeios de cem quilómetros...

* * *

Outro exemplo (o leitor, com certeza, começa a sentir-se desorientado):

Um combóio. Uma carruagem cheia de homens gordos, de cem quilos para cima, cada um. A um canto, dois homens comem, oferecendo-se mútuamente os alimentos. Estes, porém, nunca chegam ao seu destino porque uma pequena mão que sai dentre os dois gordanchudos açambarca o que lhe passa perto.

O combóio parou. Os sujeitos saem. Os dois gorduchos levantam-se. No banco livre ficou um senhor muito magrinho que ali se instalara sem ninguém o ver.

O senhor magrinho corre atrás dos outros, vai-lhes no coice, passa-se e...

...entramos no palmo dum teatro. Os homens obesos sentaram-se, uns ao lado dos outros. No fim da fila está o homem magrinho. De vez em quando chamam um gorducho, que se levanta a custo e que nunca mais volta. No banco, há agora apenas um homem: o senhor magrinho.

— Que queres tu daqui? — pregunta-lhe alguém que vai a atravessar o palco.

— Sou um dos candidatos.

— Um dos candidatos a quê?

— Ao papel.

— Qual papel?

— Ofereço-me para representar o protagonista da «Vida dum rapaz gordo».

— Mas tu és magro...

— ...e faço de gordo. Ora veja e ouça.

O senhor magrinho senta-se, coloca um bombo sôbre os joelhos, o que lhe dá um aspecto obeso, e começa a representar.

O secretário do juri emociona-se e abafa um soluço com um cobertor de papa; o presidente enxuga uma lágrima às barbas do secretário e outro membro do juri assoa-se estrepitosamente ao lenço de sêda que empalidece na algibeira do presidente, e...

* * *

Mas temos outro exemplo (e desta vez é que o leitor fica desconcertado!). Tinoco ambiciona ser rico e tocar fagote. E quere precisamente tocar fagote para criar uma ilusão de riqueza. A música perturba-o. O gradeamento da escada serve-lhe de harpa e as campaínhas das portas enlouquecem-no. «Ser músico — dizia êle — é viver entre notas». E então, certa manhã, decidiu abandonar a aldeia e ir comprar um fagote. Ao cabo de sete léguas de jornada, notou que vinha, no mesmo sentido que levava, um camião. Parou, pediu uma boleia, subiu, mas o carro, que fôra ali para largar uma carrada de lixo, deu meia volta, rolou estrada fora e foi deixá-lo, novamente, à porta de casa e...

(Isto parece dos irmãos Marx — pensará o leitor. — Pois quem é que entende uma mexerofada destas?)

Entendemos nós e por isso, se dão licença, passamos a explicar ao que vimos. O público requere filmes cómicos. O riso é meia cura e o mundo precisa de rir.

Alguns leitores preguntam-nos, por carta, quando se tentará a comédia alegre, a comédia que obrigue a rir a bandeiras despregadas, que desopile o fígado e dê aso para os nossos artistas cómicos — que os há, de verdade — estadearem os seus inegáveis recursos.

Comédias para rir e chorar por mais — eis o que é necessário fazer. Demos acima uma magra contribuïção para três argumentos cómicos. São três exemplos, três pontos de partida que, arranjados, talvez servissem a argumentistas, dialogadores e «gagmen». São três esbocetos sem pretensões, mas que bem podem dar a ideia do género a tentar.

Estas linhas trazem até os produtores uma sugestão que não é inédita. Olavo já abordou o assunto ao microfone da Emissora Nacional. Mas consideramos oportuno reclamar filmes cómicos.

Parece-nos, pois, que êste artigo (o filme cómico, — ou êste arrazoado, como quiserem) é, de facto, de primeira necessidade.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Os dias passam. Êste rectângulo de prosa aparece tôdas as semanas «colado» invariàvelmente nesta página. A Terra anda à roda do Sol. As fitas correm. O público compra o seu bilhete, entra no cinema, senta-se, olha para o «ecran», vê, distrai-se nos átrios a reparar nas vitrinas, ouve um intervalo de gramofone e volta a sentar-se, a ver, a ouvir, a levantar-se, a ir-se embora para casa, monotonamente, todos os dias, sempre.

O espectador é por definição um egoista. Quando compra o seu bilhete julga comprar o direito de se divertir. E adquire, ao mesmo tempo, uma esperança: a de se esquecer do que vai pelo Mundo. Por isso, o espectador faz todos os esforços para deixar no bengaleiro, além do sobretudo e do chapéu, o seu bom coração e a desgraça dos trabalhos alheios...

Dentro de si há apenas uma frase a boiar: «quero divertir-me! quero divertir-me!». É o grito que se adivinha em todos os olhos, em tôdas as bôcas. Ninguém perde tempo a evocar o trabalho excessivo dos realizadores, dos artistas, dos homens da manivela. Na alma fica, às vezes, apenas, uma imagem, um perfil, o traço de uma melodia imensamente fácil — que irá morrer nos pianos dos quintos andares ou nos bandolins dos clubes de costureiras.

O resto passa. Recostado na cadeira confortável só procura divertir-se, só procura motivos de interêsse, gozando a alegria ou a emoção do filme, egoisticamente, acariciando com ternura o bilhete da cadeira n.º 9 da fila H, que lhe proporciona umas horas de prazer — quer naquele quadro de pano branco, quer no espectáculo das frisas cheias de colos nús.

Tenho a certeza, porém, de que não toma idêntica atitude diante de um filme português. Porque digam o que disserem o grande encanto do cinema reside, para êle, neste facto, principalmente: o de ser feito fora das fronteiras, revelando um Mundo diferente daquele em que vivemos. Eu, próprio, chego a pensar que se fôsse americano, por exemplo, o Cinema era uma grande maçada e eu não ia lá tôdas as noites...

Isto, claro, é uma opinião que serve para pôr em evidência o cuidado, cada vez mais apurado, que deve ter-se no destino do nosso Cinema. Não se devem vestir os filmes por figurinos importados. Alguns dos nossos actores representam bem e todos são, imensamente, simpáticos, mas quando os oiço pronunciar a nossa língua e os vejo interpretar sentimentos e figuras idealizados por estrangeiros, sinto sempre abrir-se-me a bôca num bocejo, ao mesmo tempo que se me fecham os olhos devagarinho.

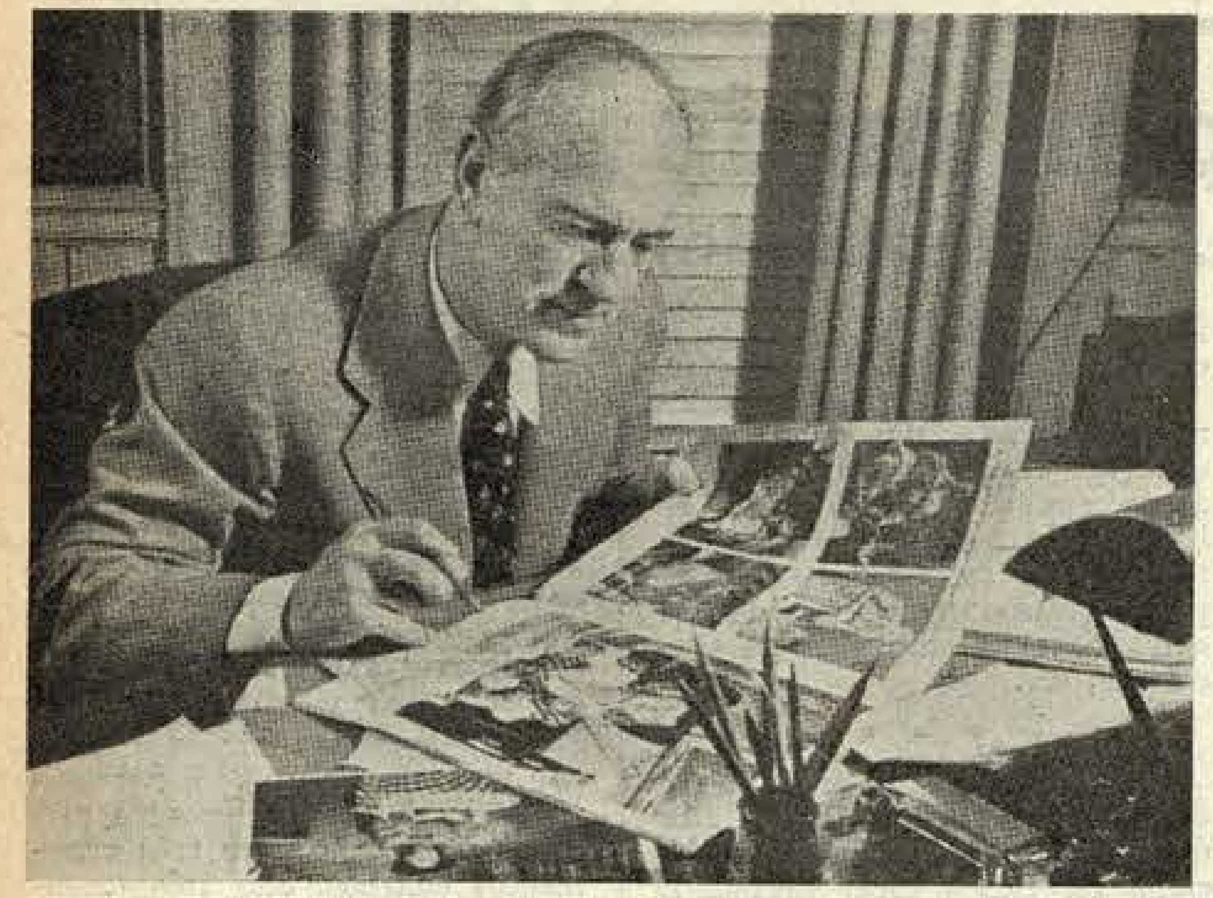
Onde está a organização que pense a sério nestas coisas? Onde está quem organize, administre e leve a bom têrmo, por bom caminho, uma p r o d u ç ã o cinematográfica? Onde está quem faça isso e pese os prós e contras de qualquer fita — tendo outras opiniões que não seja a receita infalível de que a acção tem de ter umas «partes gagas» senão o público não lhe pega?

Até agora, só conhecemos produtores domésticos de trazer por casa que não fazem mais do que organizar fitas familiares...

AUGUSTO FRAGA

A IMPRENSA COLABORA COM O CINEMA

Como uma reportagem fotográfica da revista americana «LIFE» inspirou a encenação de «KITTY, A RAPARIGA DA GOLA BRANCA»



Sam Wood anota em pessoa as páginas da «Life» em que buscou a encenação de «Kitty Foyle»

Como os leitores de «Animatógrafo» já sabem, o extraordinário filme da RKO-Radio Filmes que o Tivoli exibe esta semana foi extraído de um romance publicado há meses nos Estados Unidos, com enorme êxito: *«Kitty Foyle»*, de Christopher Morley. O livro conta a história do que o autor chamou: *the U. S. white collar girl»* — a rapariga da gola branca dos Estados Unidos, isto é, uma rapariga «que vive, ama e trabalha, exactamente como vários milhões de raparigas do clã da Gola Branca», ou seja a história de uma rapariga-tipo das raparigas que nos Estados Unidos labutam nos escritórios, nos armazéns, nas lojas — vasta coorte que usa como tácito uniforme uma gola branca a rematar a bata ou o vestido de trabalho, pequena nota sóbria que revela o desejo de mostrar arranjo, de vestir com *chic*, de «parecer bem».

Como dissemos o êxito de *«Kitty Foyle»* foi enorme — êxito naturalíssimo se se atender ao tema escolhido e ainda ao facto do seu autor o tratar magnìficamente: com talento, com humanidade, com muita inteligência e compreensão.

Por tudo isto, os editores da *«Life»* — a excelente revista americana que todos conhecem, quanto mais não seja por a verem pendurada às portas das tabacarias — tiveram a ideia de publicar uma reportagem ilustrada que contasse resumidamente o enrêdo do romance, como nós fazemos por vezes na 2.ª página, nas «Estreias do Animatógrafo». Convidaram o próprio autor, Christopher Morley, para dirigir a reportagem, contrataram um «modêlo» de Nova York (uma autêntica «rapariga da gola branca», chamada Carol Lorell) para personificar Kitty Foyle — e a «expedição fotográfica» pôs-se em campo, quere dizer, correu todos os locais em que se situa a acção do livro, em busca de ilustrações fotográficas para o próprio livro. E no seu número de 25 de Março de 1940 a *«Life»* publicava a história de Kitty Foyle resumida nas fotografias feitas pela expedição — fotografias essas que tinham autêntico valor documentário, e que eram, por outro lado, a demonstração mais cabal da realidade, da verdade do livro de Christopher Morley.

Pouco depois a RKO-Radio comprou os direitos de adaptação cinematográfica do romance, com mira, evidentemente, em Ginger Rogers, a sua estrêla de maior grandeza, à qual a figura de Kitty Foyle assentava como uma luva. E chamou Sam Wood, o magnífico realizador que havia pouco terminara o «Adeus, Mister Chips!», para dirigir o filme. O que então se passou revelou-nos o número da *«Life»* de 9 de Dezembro último. Nessa altura Sam Wood terminava a montagem da película, que veio a ser estreada no dia 27 dêsse mês.

O que se passou foi apenas isto: Sam Wood, achou tão justas, tão felizes, as ilustrações fotográficas que a *«Life»* arranjara para *«Kitty Foyle»*, que resolveu aproveitá-las para o seu filme. E assim a «encenação» da *«Life»* serviu de modêlo — e vão ver até que ponto — à encenação da RKO.

Compreende-se que isto tivesse sucedido: a reportagem da *«Life»* — feita, como foi, com todo o critério, conforme vimos atrás — veio poupar trabalho à RKO. Não foi necessário perder tempo em busca dos ambientes próprios, recolher os vários elementos informativos, imprescindíveis para que o filme retratasse com fidelidade os locais de Filadelfia e Nova York onde se passa a história de Kitty Foyle — tudo isso já estava feito, e feito sob a direcção da pessoa mais autorizada na matéria: o próprio autor do livro. Sam Wood limitou-se assim a adaptar o que estava nas fotografias às exigências do cinema. Foi êsse seu trabalho que o número de 9 de Dezembro p. p. da *«Life»* nos veio revelar, por meio de uma série de fotografias curiosíssimas e de largos comentários do próprio Sam Wood. Umas e outros têm real interêsse, pois permitem compreender o que seja o verdadeiro trabalho da encenação cinematográfica, e mostram por outro lado o escrúpulo com que é executado nos estúdios de Hollywood.

Não podemos reproduzir aqui tôdas as fotografias publicadas pela *«Life»*, nem tôdas as observações do grande realizador do «Mister Chips» e de «Kitty Foyle». Mas as que reproduzimos e transcrevemos já permitem ao leitor fazer uma ideia de tudo o que atrás apontamos.

Na gravura n.º 1 estão reproduzidas duas páginas da *«Life»* com as notas escritas por Sam Wood. Na gravura n.º 2 vemos o plano do filme, correspondente à imagem do lado direito da gravura n.º 1 com as indicações de Sam Wood já executadas. Uma e outra representa Kitty Foyle no «Giono», um restaurante italiano de Nova York. Sam Wood escreveu «Duplicate B. G. (back ground)», à margem do quadro que está ao fundo — o que significa que o desejava reproduzido no cenário do filme; mas, como a moldura do quadro era dourada, indicou a sua substituïção por outra que não fôsse brilhante. À margem da garrafa de vinho, escreveu «Milk bottle» (garrafa de leite), porque, explicou, como Kitty nesse momento esperava um bébé, não estava certo que fôsse tomar uma bebida espirituosa.

Apontando para a gola da rapariga escreveu: «Too white» (excessivamente branco), e sôbre a toalha da mesa: «Same table cloth» (a mesma toalha) e uma seta a indicar a imagem da página do lado esquerdo onde se vê um grande plano da garrafa de água, no qual a toalha é aos quadradinhos. E aí escreveu: «Shoot this», que é como quem diz: Isto é que será filmado. Comentando êste desacêrto do grande-plano e do plano de conjunto da *«Life»*, Sam Wood escreveu: «Que se diria se nós fizessemos coisas destas nos filmes!».

Na página da esquerda da gravura n.º 1 vêem-se outras notas de Sam Wood, relativas à indumentária das figuras, etc.. Noutras fotografias, que não podemos aqui reproduzir por falta de espaço, faz-se o paralelo entre outros aspectos da reportagem e do filme. Um dêles refere-se ao idílio de Kitty com Wyn, na casa de campo. A fotografia da *«Life»* mostra os dois, estendidos num divã, em frente do fogão; o plano do filme mostra-nos, como se podem ver no Tivoli: êle sentado no divã e ela no chão. E Sam Wood explica a diferença de atitudes, lembrando que o «Hays Office» não permite «namôros horizontais» no cinema...

Outras observações dêste género faz Sam Wood nos seus comentários, igualmente elucidativas quer das exigências técnicas da encenação cinematográfica quer dos limites impostos pelo código do cinema americano, por considerações de ordem moral e social.

Tôdas elas ajudam a compreender os cuidados, a atenção, e a minúcia que são necessários para se fazerem bons filmes, capazes de obterem larga audiênca em todos os sectores do público. Cuidados de ordem formal, técnica (a moldura excessivamente brilhante, a gola branca demasiado branca); atenção à verdade psicológica, à credibilidade de pormenores (uma futura mãi, sensata como Kitty Foyle, não bebe vinho); minúcias de todo o género—tudo isso é imprescindível para se conseguirem bons resultados. Só em Portugal há ainda gente capaz de julgar que o cinema é improvisação, brincadeira de rapazes levianos, coisa de somenos que não merece atenção, crédito, respeito. Mas tudo tem um fim—até as ideias falsas. Portanto, podemos ter a certeza que um dia virá em que será possível trabalhar no cinema, em Portugal, com a seriedade com que há muito se trabalha nos Estados Unidos da América do Norte. — *D. M.*

Um documento que mostra como trabalham os realizadores americanos



Duas páginas da revista americana «Life» com as anotações do realizador Sam Wood, com vista ao filme da RKO



Compare-se esta fotografia, extraída do filme, com a da «Life», que publicamos aqui ao lado. E leia-se o texto do artigo, para perceber

JANET CHAPMAN, A MENINA DA SORTE



«Animatógrafo» vende-se mais ainda desde que publicou fotos e artigos da pequenina actriz Janet Chapman. Por isso não desiste, até à estreia...



Janet Chapman é a nossa mascote. E quando a virem no filme da S. I. F. «A Menina da Sorte» que o Eden vai apresentar, será a mascote de todos os cinéfilos

Vai produzir-se um novo filme português

Naquilo a que as agências telegráficas chamariam «os meios cinematográficos bem informados», se se ocupassem do nosso cinema, corre veloz, a notícia de que vai começar brevemente a realização dum novo filme português.

Atendendo ao nome do realizador, poderia parecer estranho que «Animatógrafo» não se precipitasse a dar a boa nova.

Mas é exactamente porque êsse realizador tem particulares responsabilidades ligadas ao nosso jornal que essa notícia não pode aparecer senão «oficialmente».

Tenham pois paciência os nossos leitores — e acreditem que nada perdem com a demora.

NOTÍCIAS DA EUROPA

Os estúdios da França voltaram à actividade

No nossa última página da Europa, ao traçarmos o balanço do que, em matéria de produção cinematográfica, se passava em vários países, lamentámos a falta da França à chamada, tanto mais por se tratar de um país que de há meia dúzia de anos para cá estava realizando um magnífico esfôrço no sentido da elevação do nível artístico do seu Cinema, contribuindo grandemente para o crédito do filme europeu.

Hoje, porém, temos a consoladora satisfação de poder anunciar aos nossos leitores que a actividade cinematográfica francesa recomeçou, e as notícias que a seguir vamos dar servem clara[illegible]te de testemunho.

Na região não ocupada os estúdios de Nice e os de Marcel Pagnol, em Marselha, estão em plena actividade. No de la Vitorine, de Nice, Viviane Romance,



VIVIANE ROMANCE

a grande vedeta, que antes da guerra era a artista mais bem paga no cinema francês, tendo terminado há pouco «La Vénus Aveugle», em que ela se liberta dos papéis de persongens duvidosas que marcaram as suas anteriores interpretações para viver uma figura de tocante humanidade, vai agora ser a protagonista do novo filme de Edmond Greville, cujo título não está ainda definitivamente escolhido.

Nesses mesmos estúdios, André Hugon está dirigindo um filme franco-espanhol, de que os exteriores serão filmados em Espanha, e de cuja distribuïção fazem parte Império Argentina, Marguerite Moreno, Carmen Romero, Harry Baur, Pierre Laquey, Alcover, Paul Cambo, Raphael Medina e Enrique Guitart.

Por sua vez, Danielle Darrieux, que vive actualmente em Cannes, interpretará antes da sua partida para os Estados Unidos, três filmes que Henri Décoin, de quem há pouco se divorciou amigàvelmente, dirigirá. Também, assim que a lei o permita, Danielle, ao que se diz, casará com um milionário argentino.

Em Marselha, Fernandel, que ao lado de Janine Darcey acaba de concluir «La Nuit Merveilleuse», Raimu, Jules Berry, Janine Darcey, Tramel, Simone Berriau, Susy Prim, Andrex, Claude Danphin Leburcier, o comediógrafo Yves Miranda, que fez a sua estreia como actor, interpretam sob a direcção do novo Leburcier, o [illegible]e «Les Petits Riens».

Em Paris, a sociedade franco-alemã Continental Films, que acaba de se fundar, vai produzir em grande escala, tendo já sob contrato os realizadores Maurice Tourneur, Marcel Pagnol, Marcel Carné, Christian Jacque, Henri Decoin, Leon Joannon, Maurice Gleize e Georges Lacombe, e os «scenaristas» Charles Spaak, Michel Duran, Albert Valentin, André Paul Antoine e o romancista Pierre Very.

Para intérpretes dêsses filmes estão já assegurados os nomes de Danielle Darrieux, Edwige Feuillére, Harry Baur, Raimu, Fernandel, Pierre Fresnay, Raymond Rouleax e Robert Le Vigan. Como se vê, o panorama do cinema francês é animador.

O cinema inglês continúa

A guerra embora, como é de calcular, sabendo-se que todos os estúdios ingleses estão localizados na região de Londres, tenha perturbado a regularidade de produção inglesa, não impediu, apesar de tudo, os seus estúdios de trabalhar.

Entre as produções mais importantes acabadas de concluir recentemente ou em vias de realização estão «This England» realizado por David Mc Donald e interpretado por Emlyn Williams, John Clemens e Constance Cummings, que volta ao cinema depois de alguns anos de ausência; «Atlantic Ferry», que foca a história da célebre companhia de navegação Cunard, na época da sua fundação, em princípios do século passado. Walter Forde, veterano realizador inglês dirigiu-o, e Michael Redgrave e Valerie Hobson interpretam-no.

Tal como os americanos fizeram para Stephen Foster em «Coração dum Trovador», a British Lion está também realizando um filme sôbre a vida dum compositor Leslie Stuart, a quem se devem as mais celébres canções inglesas. Interpreta-o Robert Morley, que foi Louis XV em «Maria Antonieta», vivendo nele os personagens de Leslie Stuart.

A Gainsborough Pictures acaba de concluir «Hipps», de Wells, interpretado por Michael Redgrave, e Diana Wynyard, e tem em realização «Spitfire», um filme de aviação sôbre a R. A. F. «Cottage to Let», com Leslie Banks, «Pitt, Mc Younger» sôbre William Pitt, político da época victoriana.

Erick Porito, Marikka Rokk e Zarah Leander em três filmes da UFA

Nos estúdios alemães da U. F. A. em Neubabelsley, três filmes importantes estão sendo agora realizados. — «Die Rothschilds», «Kora Terry» e «Der Weg ins Freie».

«Os Rothschilds» um filme de aspecto político que tem por personagens principal a figura de Mayer Rotchild, fundador, no século passado da famosa família de argentários.

Dêsse filme, que decorrerá num cenário de aspecto grandioso e de grande amplidão, são intérpretes Erich Porito, Carl Kuhlman e Albert Lippert em *Mayer, Nathan e James Rostchild*, Hilde Weissner, Gisela Uhlen, Michael Bohnen. A realização é de Erich Waschneck.

O ambiente dos grandes hoteis internacionais, dos meios cosmopolitas, dos teatros de variedades, constitue o quadro do filme que a U. F. A. agora tem em produção sob a direcção de George Jacoby, «Kora Terry». Marika Rokk, que é hoje o nome feminino mais prestigioso do cinema alemão é a sua principal intérprete, nêle vivendo um duplo papel. É ela a Kora Terry, que dá o título ao filme, bailarina oriental que dansa com serpentes e exibe vestidos luxuosos.

Zarah Leander, a grande artista sueca que o cinema alemão celebrizou, é a vedeta de «Der Weg ins Freie», que em português se intitula «Caminho da Libertação». Siegfried Brener, o conhecido Hans Stüve e Julia Gerda são os outros intérpretes dêste filme da U. F. A..

Na Itália trabalham actores espanhois

Desde a fundação de Cinecitta, porventura o mais importante centro cinematográfico da Europa, mercê das suas instalações modelares e do seu moderno equipamento técnico, que os produtores italianos têm, com uma freqüência digna de atenção, chamado a trabalhar nos seus estúdios personalidades em evidência do cinema de outros países.

Encenadores, artistas, operadores têm colaborado largamente na produção italiana.

Realizadores como Jean Renoir, Jean Choux, Marcel L'Herbier, artistas como Viviane Romance, Renée Saint-Cyr, Michel Simon têm feito parte dos «billing» de filmes italianos.

Agora coube a vez aos artistas espanhóis fazerem a viagem Madrid-Roma.

Desde há alguns meses que os filmes italianos incluem na sua distribuïção, alguns nomes de actores espanhóis de categoria.

Conchita Montenegro, que nos estúdios franceses e americanos freqüentes vezes tem trabalhado, interpretou a primeira figura feminina de dois filmes — «Melodias Eternas» e o «Nascimento de Salomé», que Jean Choux dirigiu. Luiz Hurtado Giron foi o protagonista de «O Inspector Vargas», do «Último Hussar» e de «Os Borgia». Carmen Navasenés, depois de fazer «A filha do Corsário Verde» e a «Canção Roubada», terminou «O Pirata sou eu», de que é protagonista Juan de Landa, um actor que fez em Hollywood, na versão espanhola de «Big House», o papel criado por Wallace Beery.

A formosíssima Maria Mercader, que em Itália apareceu já em «Fôrça Bruta» e «Depois divorciaremos» está agora interpretando «La Gerla de Papa Martin».

Por sua vez Império Argentina, a maior vedeta do cinema espanhol, partiu para a Itália, onde vai interpretar «A Tôsca».

O acôrdo cinematográfico entre a Espanha e a Itália

Os primeiros frutos do recente acôrdo cinematográfico realizado entre os governos de Espanha e de França começam a dar sinal de si e duma forma sensacional. Assim, o primeiro filme resultante dêsse acôrdo intitula-se «Guadalquivir» e será realizado em Espanha sob a direcção do conhecido realizador francês Raymond Bernard. Maurice Chevalier e Imperio Argentina, a mais categorizada vedeta do cinema espanhol, serão os seus intérpretes principais. Parte das exteriores do filme serão realizados em Sevilha por ocasião da Semana Santa, sendo os anteriores filmados nos estúdios da Hispano Film, em Madrid.

Um outro filme de grande envergadura que acaba de entrar em produção é o que tem por título «Escuadrilla», que António Roman dirigirá sob um argumento original seu e de José G. de Ubieta, em que a aviação militar espanhola tem um papel preponderante. Luchy Sotto, Alfredo Mayo, Conchita Tápia, José Ni[illegible]to, Manolo Morán e a cançonetista Gracia de Triana são as suas primeiras figuras.

Intitula-se «Flora e Mariana» o filme que José Buch, um dos mais operosos realizadores espanhois está dirigindo nos estúdios Ballesteros, de Madrid, e de que são intérpretes Blanca de Silos, Juan de Orduña Gaston Peña, Manolito Martinez e António Riquelme.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

SIMONE SIMON foi contratada para a R K O e vai trabalhar ao lado de WALTER HUSTON e THOMAS MITCHELL

Se não fôra a antipática publicidade feita à volta da sua vida privada, e da conseqüente guerra declarada pelas várias sociedades feministas que pululam, como cogumelos, em todo o continente americano, certamente a carreira cinematográfica americana de Simone Simon teria prosseguido e talvez até tivesse conseguido encontrar o filme que a sua invulgar personalidade e o seu inegável talento justamente pediam.



Simone Simon

Voltou a França onde Jean Renoir a apresentou com um papel de oiro, que lhe assentava como uma luva, no filme «Fera Humana». Mas, ou porque a paisagem cinematográfica do seu país não a tentasse, de momento, ou porque a América a tivesse perturbado, o que é certo é que a deliciosa intérprete de «Lac aux Dames» refez o caminho que anos antes percorrera, ao demandar a terra do Tio Sam.E, receando talvez a boa memória das Ligas Moralistas, não ousou penetrar na Califórnia, descendo em plena Broadway, onde um bom contrato no teatro de revista a esperava.

Agora porém voltou aos seus primeiros amores — Hollywood e o Cinema.

Simone Simon vai começar a segunda etapa da sua carreira Além Atlântico, pois a RKO-Radio, acaba de a contratar e de indicar o seu primeiro filme. Intitula-se *A Certain Mr. Scratch* e com a adorável Simone aparecerão Walter Huston e Thomas Mitchell, que o realizador William Dieterle, agora, também, elemento destacado daquela companhia, dirigirá.

A RKO-Radio, tendo Michèle Morgan sob contrato, e possuindo, mediante acôrdo com o produtor Gregor Rabinovitch, o contrato americano de Danièle Darrieux, fica tendo assim, no seu elenco três dos mais brilhantes nomes femininos do Cinema francês.

«Uma noite em Bombaim» é o título do novo filme de JOAN CRAWFORD

Logo que «A Woman's Face», o filme em que Joan Grawford está presentemente a trabalhar sob a direcção de George Cuckor e com a colaboração de Melvyn Douglas, Conrad Veidt, Donald Meek e Reginald Owen esteja concluído, a ex-esposa de Douglas Júnior e Franchot Tone iniciará imediatamente a realização do seu novo filme para a Metro Goldwyn Mayer.

Essa nova produção é extraída da novela de Louis Broomfield, escritor de cujas obras o Cinema tem feito filmes notáveis, intitulado *Night in Bombay*. «Noite em Bombaim» será dirigida por Frank Brozage e, Walter Pidgeon neste momento interpretando ao lado de Greer Garson o filme technicolorido «Blossoms in Dust» da Metro também, será o *leading-man* daquela actriz.

ALICE FAYE em «The Great American Broadcast»

A Fox, que há dois anos nos oferecera o filme notável que era «Sinfonias Modernas», em que nos era dado com tanto relêvo e tão grande dignidade a história apaixonante da música de Jazz, e em que a inesquecível *Alexander Rag Time Band*, de Irving Berlin, era por assim dizer o «lei-motiv», tem agora em produção nos seus estúdios um novo filme de que a rádio é, podemos dizer, a protagonista.

Os passos incertos da T S F. na época heróica de há uns vinte anos, até ao prodigioso desenvolvimento que hoje acusa, tudo isso nos será contado em *The Great American Broadcast*, o filme que Archie Mayo está dirigindo.

Três dos principais intérpretes de «A Vida é uma Canção», o belo filme que a Fox há pouco apresentou, aparecem também em «The Great American Broadcast» —Alice Faye, cuja voz maravilhosa a rádio descobriu, pois foi na emissão de Rudy Vallée que ela se estreou, Jack Payne, o simpático galã que era também antes de tentar o Cinema, uma primeira figura de rádio e Jack Oakie, o pessoalíssimo e notável comediante.

Interpretam ainda aquele filme, que Leon Shamroy fotografou, Cesar Romero, a loira Mary Beth Hughes e as atracções Wiere Brothers, Four Ink Spots e Eula Morgan.

As fitas em séries voltam a entrar na ordem do dia

Os filmes em séries estão ligados indestrutivelmente ao alvor do Cinema. Foi por intermédio dêles que a mocidade do tempo, em todos os países do mundo, começou a freqüentar as salas obscuras, a interessar-se por uma arte nascente, ingénua e simples como tôdas as artes ao alvorecer, a apaixonar-se por um espectáculo que viria a tornar-se um elemento indispensável da vida de hoje.

A audácia e a cobardia, a vingança e a heroicidade, a coragem e o mêdo, todos os sentimentos humanos nos seus mais dispares aspectos, perpassavam, em cavalgada desenfreada, pelas imagens apaixonantes e fortes, sem «manteiga», dessas obras.

Quem se não lembra da *Moeda Quebrada* e de *Máscara dos Dentes Brancos*, do *Alvo Trágico* e do *Navio Fantasma*, dos *Mistérios de Nova York* e do *Tigre Sagrado*, de *Casa do Ódio* e dos *Cavaleiros da Lua*, de *Elmo o Temerário* e da *Panther*, da *Luta pelos milhões* e do *Rasto do Gavião*, do *Rei do Circo* e da *Jovem Americana?*

Quem esqueceu já Eddie Polo e Francis Ford, Pearl White e Helen Holmes, Elmo Lincoln e George Larkin, Grace Cunard, a aliciante *Lucília* dos filmes do Conde Hugo e Ruth Roland, Mary Walcamp ou Edith Johnson, William Duncan ou King Bagott, Art Acord ou Ben Wilson, heróis maravilhosos e incomparáveis, triunfadores invencíveis das proezas mais emocionantes?

Pois as *serials* voltam a estar na ordem do dia. Três importantes emprêsas estão produzindo êsse género de filmes — a Columbia, que concluiu recentemente «The Green Archer», com Victor Jory, e «White Eagle», com Buck Jones; a Republic com «King of the Royal Mounted», interpretado por Allan Lane e «Mysterious Dr. Satan» por Robert Wilcox; e a Universal, a companhia patriarca das fitas em episódios acaba de produzir «Junior G-Men» com os rapazes das «Ruas de Nova York», «The Green Hornet Strikes Again» com Warren Hull e «Sky Riders».

Esta casa produtora iniciou agora a realização duma nova *série*, que se intitula *Overland Mail*, de que Johnny Mac Brown, Andy Devine, Leo Carrillo e o impagável Mischa Auer são os protagonistas.

Alegrem-se, pois, os freqüentadores habituais do Olímpia e do Coliseu!

CLARK GABLE aparece com ROSALIND RUSSEL em «The Uniform»

Depois de umas férias de algumas semanas, durante as quais foi submetido em Nova York a uma operação num pé, que decorreu o melhor possível encontrando-se completamente restabelecido, Clark Gable volta aos estúdios da Metro Goldwyn Mayer para interpretar um novo filme. *The Uniform* é o título dessa fita de que Hunt Stromberg, o mais categorizado produtor da emprêsa de Culver City será o responsável, e que Clarence Brown, o mais antigo realizador daquela companhia, onde trabalha há cêrca de vinte anos, dirigirá.

O simpático marido de Carole Lombard terá por «leading-lady» Rosalind Russel, de quem os cinéfilos não esqueceram ainda a sua personagem de «Mulheres», tão curiosamente dada pela intelectual e feminina Rosy. É a primeira vez que trabalham juntos.

O papel de Rosalind Russel neste filme esteve primeiro distribuido a Hedy Lamarr, que fôra já «partenaire» de Gable em «Boom Town», ao lado de Spencer Tracy e Claudette Colbert.

FITAS NA FORJA

- *HIGHWAY WEST, com Brenda Marshall, Olympe Bradna, William Lundigan e Willie Best. Realizada por William Mac Gawn. Fotografia de Ted Mc Cord. Warner Bros. (S. I. F.).*
- *SEATTERGOOD BAINES, com Guy Kibbee, Carol Hughes, John Archer, Francis Trout, Emma Dunn e Lee White. Realização de Christy Cabanne. RKO-Rádio.*
- *PETTICOAT POLITICS, com com Roscol Karns, Ruth Donnelly, Spencer Charters, Polly Moran, Paul Hurst, Pierre Walkin e Claire Carlton. Direcção de Erle Kenton. Fotografia de Jack Marta. Republic (Filmes Luiz Machado).*

VIDA CORPORATIVA

Uma Assembleia do Sindicato no Pôrto — Uma carta dum exibidor da província

Realizou-se no domingo, 30 de Março, no São João Cine do Pôrto, uma assembleia dos sócios da zona norte do S. N. dos Profissionais de Cinema. Presidiu, a convite do Delegado do Norte, sr. Emídio Alfredo Pimenta, que abriu «a sessão, o Presidente da Direcção do Sindicato, reeleito em Fevereiro último, sr. António Lopes Ribeiro. O presidente do Sindicato deu conta dos trabalhos realizados durante a última gerência e estudou os problemas gerais da classe, e em particular os que interessam aos profissionais do Norte. Secretariaram os srs. Emídio Alfrero Pimenta e José Figueirôa, tendo o sr. Carlos Moreira, que agora pertence à direcção, lido o relatório da Delegação do Norte, de que foi secretário durante os últimos dois anos.

O presidente do Sindicato, avistou-se com o sr. sub-delegado do I. N. T. P. no Pôrto, sr. dr. Fernando de Matos, e com outras entidades, conseguindo solucionar alguns problemas, entre êles o dos salários das arrumadoras do cinema Rivoli.

* * *

Recebemos dum exibidor cinematográfico da província a seguinte carta que publicamos gostosamente, por se tratar duma opinião defensável e legítima, e por concordarmos com a teoria exposta.

Um exibidor cinematográfico é, «ipso-facto», um contribuinte do Grémio Nacional de Cinemas e, nesta qualidade, pretende, muito naturalmente, que êste último zele e se interesse pelos cinemas.

Por minha parte, gostaria que olhasse de rosto a situação dos pequenos cinemas da província que, infelizmente, algo têm que dizer e algo têm de que se queixar.

Se o G. N. C. viesse escrever-me, inquirindo da vida do cinema de que sou gerente, dois assuntos havia, de grande importância, para os quais é preciso olhar com olhos de ver.

Refiro-me em primeiro lugar aos preços dos transportes em caminho de ferro.

Eu bem sei que as tarifas especiais são uma modalidade bastante cómoda que, de um dia para o outro, traz até nós os caixotes dos filmes.

Mas, vejamos: enquanto um exibidor do Pôrto paga, de Lisboa para aquela cidade, o preço de uma só linha, eu, dentro do mesmo número de quilómetros, tenho de dar lucro a 3 companhias.

Melhor dizendo: enquanto eu gasto cêrca de 3.000$00 por ano só em transportes no caminho de ferro, outro colega meu do Pôrto que dê espectáculo uma só vez por semana, gastará, quando muito, 1.000$00.

É certo que ninguém tem culpa de eu viver numa região onde tem de se pagar a 3 companhias para se fazer uma viagem a Lisboa.

Concordo.

Infelizmente, porém, é hoje difícil a existência de cinemas em meios pequenos e quanto maiores forem as dificuldades de que as suas vidas se rodeiem, pior êles poderão agüentar-se e daí, o encerramento de alguns.

É preciso, portanto, aplainar essas dificuldades, no próprio interêsse, até, dos distribuïdores, pois, por cada cinema que encerre, mais difícil se torna a colocação de pogramas neste já reduzido campo cinematográfico.

Em face dêste problema que há-de pois, fazer o Grémio?

No meu modo de ver, simplesmente conseguir uma redução das companhias do caminho de ferro, de forma a que as despesas feitas por exibidores nas minhas condições não sejam muito maiores que a dos outros colegas que beneficiam do facto de terem os seus cinemas em localidades servidas, apenas, por uma companhia.

Ah! que se as emprêsas de camionetas quisessem tomar a responsabilidade pelo transporte rápido dos caixotes que dinheirão que eu pouparia...

O outro assunto e, êste, tão importante como aquele, diz respeito ao imposto do sêlo.

Não quero referir-me ao seu custo porque, se é caro quando a casa está vazia, torna-se barato quando a casa está à cunha.

Neste segundo caso, que, infelizmente, raramente se dá, é tudo barato.

O ponto a que quero referir-me é o seguinte: já depois do impôsto pago acontece, por qualquer circunstância, não poder efectuar-se a sessão de cinema.

A mim, já isso aconteceu 3 vezes no corrente ano, àparte uma outra vez, no dia de Carnaval, em que propositadamente, não realizei uma «matinée» que estava anunciada: em 6 de Janeiro, por uma avaria na máquina; em 16 de Fevereiro, por falta de energia eléctrica devido ao terrível ciclone; e em 23 do mesmo mês, por o programa não ter chegado a tempo devido às irregularidades dos transportes originados, ainda, pelo ciclone.

Justificada a razão porque não se efectuou o espectáculo, seria justo que fôssemos reembolsados da importância dispendida, mas, a verdade, é que a lei não prevê estes casos e lá ficamos a perder o dinheiro.

Porque não há-de, pois, interessar-se o Grémio por êste importante problema visto que o exibidor não está livre, por uma tremenda fatalidade, de ter de pagar o imposto tôdas as noites e nunca poder efectuar o seu espectáculo?

Isto, é o que eu tenho a dizer ao Grémio, mas, por certo, outras queixas terão os meus colegas a fazer, sobretudo aqueles que têm os seus «mínimos» muito elevados; neste ponto de vista considero-me satisfeito desde que, há dois anos, fiz uma reclamação para o Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes Cinematográficos.

Que a minha voz seja ouvida é, com certeza, o desejo de todos os exibidores da Província.

Cætano de Matos R. Tapada

Gerente do «Cine Tejá», de Tondela



— Os artistas Wasck Saint'Ann e Litle Mirite, que há tempos andavam afastados dos estúdios regressam à actividade. Juntos vão interpretar os principais papéis do novo filme «Trouble and Prejudice», que Bert Bar-Bose vai realizar. O filme terá cenas duma grande violência e até de pancadaria, ao gôsto dos freqüentadores dos cinemas populares. Durante a realização dessas cenas será instalado, pelos Volunteers of the Ajuda, um serviço de socorros para acudir aos dois artistas.

—— Certo realizador, especialista em filmes musicais, costuma contratar para as suas produções e para cantar alguns dos números, um tenor. Desta vez, como o seu novo filme é sôbre o Atum, vai contratar um Tenório.

O HOMEM-SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Desassombrado director:

Como sabe o cinema português tem merecido, sempre, o meu interêsse. Por isso tenho acompanhado com a maior atenção as filmagens dos «Lobos da Serra». A actividade nos estúdios da Quinta das Conchas é grande e os interiores estão quási filmados.

Nos «Lobos da Serra» não há saloios, pois era um tipo popular já muito gasto nas nossas fitas, mas para compensar há lá outro tipo popular, agora muito em voga nos nosso filmes: é o guarda-fiscal. Até já me consta que o sr. Leitão de Barros na «Maria da Fonte» também vai meter guarda-fiscais vestidos à 1820. Tenho uma ideia até para dar ao sr. Brum do Canto: é o «fox-trot» do guarda-fiscal, que bem feito, e com música engraçada e versos do sr. Patrício Alvarez pode ser o número popular da fita.

Consegui levar o meu pai a ver o «Tom Edison, o pequeno génio» mas estou arrependido. Quando lhe disse que êle se parecia com o pai do Edison, o meu pai, que aqui para nós é um bocado vaidoso, fez um escabeche enorme na geral, e começou a dizer que era muito mais bonito que o George Bancroft. Foi um sarilho pois os espectadores desataram a gritar: «Cala a bôca urso»; «Deixa ouvir a fita», e o meu pai teve um conflito e pelas alturas do segundo intervalo teve que saír. Desde aí o meu pai também ficou com um azar ao segundo intervalo que não o pode nem ver.

Constou-me que o sr. Artur Duarte já tem mais dois argumentos para outros tantos filmes. Sobe assim a oito o número de argumentos de várias qualidade, tamanhos e feitios que o sr. Artur Duarte tem para desenvolver a sua actividade. Ora eu gostava de saber o seguinte: dêsses oito argumentos o sr. Duarte não poderia, ao menos, realizar um?

O cinema português está outra vez em grande desenvolvimento. Era a altura, se o senhor director quisesse, de fazer alguma coisa por mim. Veja se consegue que me dêem um papel nalguns dos filmes que estão em preparação. A minha ansia de ser alguém no cinema é tão grande que eu até já me contentava com um papel na fita que o sr. Armando Miranda vai fazer sôbre o atum. Do mal o menos... Faça o que puder e tudo me serve, menos entrar numa fita do sr. Artur Duarte. Quem espera por sapatos de defunto...

Sem mais

aguardo ansioso a sua resposta

Ignácio da Purificação



MICKEY ROONEY

A carreira prodigiosa do criador da personagem Andy Hardy tem a coroá-la uma interpretação notável, no filme «Tom Edison, o pequeno génio»


OS GRANDES MOMENTOS DA VIDA
Só um
Ciné-Kodak Oito
os fará reviver
logo... ámanhã... sempre...
É o casamento de hoje, o baptisado de amanhã, os vossos passeios, tôdas as cênas da vossa vida filmadas por vós próprios.
Os dias passam, vossos filhos crescem, mudam os amigos. Guarde, pois, vivas lembranças dêsses dias ... relembre os gestos, as atitudes dos que vos são queridos.
Decida já. Filmar com Ciné Kodak Oito não é caro nem dificil. Cada cêna não custa mais do que uma vulgar fotografia. Peça-nos uma demonstração sem compromisso.
CINÉ 'KODAK' 8
KODAK L.da - R. GARRETT. 33 - LISBOA

A FEIRA DAS FITAS

«KITTY, A RAPARIGA DA GOLA BRANCA»

(Kitty Foyle)

Corresponde inteiramente à espectativa avolumada à sua volta, esta recentíssima produção da RKO-Radio. Um filme candidatado pela Academia de Hollywood entre os dez melhores do ano, entre as cinco melhores realizações, as cinco melhores adaptações, os de melhor registo de som, e cuja protagonista ganhara o prémio da melhor interpretação feminina — era esperado como uma obra de excepção, inteiramente fora da série. Verificou-se que de facto assim é — e o público confirmou e sancionou, mais nitidamente do que ninguém, essa espectiva, esgotando as lotações do cinema onde se exibe, sucessiva e reconfortantemente.

Mesmo que Ginger Rogers não tivesse dado à heroína a interpretação extraordinária que lhe deu, *Kitty Foyle* seria ainda um filme magnífico — pelo valor humano e literário da história, pela felicidade da sua adaptação, pela qualidade da encenação cinematográfica.

Não sei até que ponto o argumento do filme corresponde ao romance de Christopher Morley — mas sei que o argumento do filme é um verdadeiro «achado», quer pela história *em si*, quer pelo processo por que foi contado, processo que não é novo mas que o adaptador e planificador (Dalton Trumbo) soube renovar. A história de Kitty Foyle, duma «rapariga de gola branca», é uma linda novela arrancada à vida e aos costumes actuais, tratada com verdade e com poesia e apresentada de forma tal que assume uma certa projecção simbólica, menos pelos conflitos que contém do que pelas situações ou posições das personagens em face dêsses conflitos. Não há atitudes de combate, de libelo, seja contra quem fôr ou contra o que fôr; há apenas a narração simples e natural dos devaneios, das contrariedades, das alegrias e das vicissitudes duma rapariga dos nossos dias, romântica como tôdas as almas bem formadas, corajosa e sensata como poucas, que gosta de viver e de lutar. Narração simples e natural — despida de efeitos, isenta de artifícios, sem literatice (embora eminentemente literária no carácter da composição); narração minuciosa e sempre exacta, em que há constante e profunda humanidade e uma espécie de piedosa ternura, de verdadeira caridade, pela figura admirável da protagonista.

Esta atitude de carinho pela figura de Kitty Foyle identifica-se com a própria reacção do espectador para com ela. É que Ginger Rogers vive o seu papel com tamanha sinceridade, com tanta convicção e tanto poder emocional, que tôda a assistência fica completamente dominada pela sugestão criada no *écran*, e não pode portanto furtar-se a um sentimento de simpatia por essa «rapariga da gola branca» que tem coração, e nervos, e imaginação, e vida — como qualquer de nós.

QUADRO DE HONRA

«BALALAIKA» (M. G. M.)
— Por ter atingido a SEXTA SEMANA de exibição no EDEN.

«KITTY, A RAPARIGA DA GOLA BRANCA» (Rádio Filmes)
— A extraordinária interpretação de GINGER ROGERS.
— O valor humano e literário da história, extraída de um romance de CHRISTOPHER MORLEY, e a forma como foi contada e planificada por DALTON TRUMBO.
— A realização de SAM WOOD.
— A qualidade do diálogo, escrito por DONALD OGDEN STEWART.
— A «presença» e as faculdades histriónicas de DENNIS MORGAN (Wyn Strafford).

O desempenho de Ginger é, de facto, um esplendor. Vale bem um prémio da Academia — vale até mais do que os dois que foram atribuídos à Luise Rainer... Em «*Kitty Foyle*», Ginger teve finalmente ocasião de demonstrar a tôda a gente, por forma a não serem legítimas quaisquer dúvidas, que possue os mais extraordinários dotes artísticos, de comediante inteiramente excepcional. Não há no seu trabalho um momento, um pormenor que não seja precioso: notem como ela espera o pedido de casamento, que afinal não vem, como ela exterioriza a amargura e a desilusão que lhe causa a morte do filho, ou a comoção e a alegria que lhe dá o ajuste do seu noivado. E como ela pede a Deus que não a acorde daquêle sonho! Tôda a sua interpretação é um monumento de inteligência, de naturalidade e de sensibilidade. P r o d i g i o s a actriz! — e maravilhosa carreira a sua!

Ao seu lado revela-se um novo galã, Dennis Morgan, de excelentes qualidades. Muito me enganarei se não tiver um belo futuro. Todos os outros intérpretes são excelentes — desde James Craig (Mark) a Ernest Cossart (o pai de Kitty), desde Odette Myrtill (Delphine) a Eduardo Ciannelli (Giono).

Sam Wood credita-se com esta realização, que vem depois do «Adeus, Mister Chips!», como um dos melhores encenadores americanos. Sem fantasias ou malabarismos, a sua direcção é duma propriedade, duma sobriedade e duma subtileza magníficas.

A fotografia parece um pouco irregular, mas tem coisas esplêndidas. O trabalho dos decoradores, porém, foi sempre feliz, como a inspiração do director musical, Roy Webb. E o registo de som é, de facto, de grande classe, que mais se adivinha do que verifica nas péssimas condições de projecção da sala que apresenta o filme. — D. M.

«A VOLTA DO LOBO SOLITARIO»

(The lone wolf striks)

O herói dêste filme é já conhecido. É aquele gatuno elegante que rouba por desporto e que só fica preso de qualquer sorriso bonito de mulher bonita...

Desta vez tem de defrontar-se com uma quadrilha para conquistar um colar famoso e entregá-lo à dona.

A acção decorre num ritmo de comédia, a par de cenas hàbilmente manejadas para despertar emoção na plateia.

O desempenho é justo, equilibrado, e dentro das exigências das suas respectivas rubricas. Nos principais papéis temos Warren William e Joan Perry. — A. F.

O CRIME EM FÉRIAS

(Crime Kefe Hollyday)

Jack Holt, um actor que vemos com prazer e que nos recorda alguns bons momentos do cinema silencioso, é o protagonista dêste filme que conta mais uma história de bandidos em luta com a polícia que os persegue.

Vale acima de tudo pelo movimento das cenas, pelo ritmo em que é contada a novela, cujo final é bem achado.

Cabe ainda a Marcia Ralston o papel feminino do filme. — A. F.

JEAN ARTHUR

(Continuação da pág. 7)

-se, e rasga o contrato em que anos antes o todo-poderoso Adolph Zuckor se dignara apôr, solenemente, a sua assinatura categorizada e difícil.

No dia seguinte, o transcontinental conduz, furibunda, para Nova York, o antigo modêlo dos anúncios vistosos e sugestivos das páginas dos magazines...

Ia longe já o tempo dos «ateliers».

O teatro é agora a sua aspiração. O nome que trazia de Hollywood — com Jean Arthur dava-se o contrário que era habitual — o teatro abre-lhe as suas portas. E durante três anos o seu nome fulgura nas «marquises», tão pouco acessíveis, da Broadway.

Mas Hollywood, apesar do mau humor de Miss Arthur quando ousou mandar o Cinema pentear macacos, esquecera o incidente.

E os irmãos Cohn, «manitons» da Columbia, entre receosos e duvidosos, fizeram-lhe uma proposta que a fez pensar duas vezes — as letras maiores dos cartazes de reclame dos filmes que para êles fizesse, seriam as suas...

E foi assim que Jean Arthur voltou a gosar o sol incomparável da Califórnia e a admirar o panorama inesquecível que dos montes de Beverly se disfruta.

Durante dois anos o trabalho nos estúdios da Columbia é duro e aturado. Jean Arthur é com Grace Moore, o nome de mais categoria da sua emprêsa. Êsse facto, se traz apreciáveis vantagens impõe, por sua vez pesados sacrifícios, que se traduzem no esfôrço enorme que representa a interpretação de cinco ou seis filmes por ano. Além disso, os argumentos que lhes destinam não são dos mais felizes. Tem até a impressão que podem vir a prejudicar a sua carreira.

Isso mesmo faz sentir aos dirigentes da companhia. Estes não dizem que sim nem que não. Antes pelo contrário. Apressam-se até a confidenciar-lhe o título dos filmes que pensam destinar-lhe ...

Não foi preciso mais para que Jean lhes feche na cara a porta de saída!

Era demais! Jack Cohn saberia vingar a classe ofendida dos produtores cinematográficos, por quem Jean Arthur parecia não ter a consideração devida. Êle conhecia o processo para acalmar os ímpetos de rebeldia da sua irritável pupila.

Frank Capra procedia aos estudos preparatórios de «Doido com Juízo». Dispunha de Gary Cooper, mas faltava-lhe a actriz ideal para o primeiro papel feminino.

O caso de Jean Arthur andava, então, na berra nos estúdios da Columbia.

E num momento Capra lembra-se de Jean para o papel.

Estava decidido. Jean Arthur seria a paixão de Gary Cooper em «Mr. Deeds Goes to Town».

Agora, a partir de quinta-feira, vamos vê-la de novo, apresentada pela Aliança Filmes que esta época nos deu já «Bigamia» num outro filme notável de Frank Capra, o tão falado «Peço a Palavra!»

JAIME DE CASTRO

A PÁGINA DOS NOVOS

CINEMA EDUCATIVO

Somos dos que, há mais de cinco anos, batalham sem desfalecimento pela organização do cinema educativo em Portugal, mas um cinema de facto educativo e feito só para atingir a finalidade a que se destina: educar e ensinar.

Todos nós sabemos quais os meios de que o cinema dispõe para instruir sem enfadar.

Alvitrámos em tempos a organização feita pelo Estado, e por êste dirigida e subsidiada, de filmes puramente educativos e destinados às nossas escolas, universidades, institutos, etc. etc..

Alguém nos respondeu que isso seria limitar a produção a um só patrão e daí nem sempre resultarem as vantagens que muitas vezes o comércio livre consegue. A nós, respondemos, por enquanto tanto se nos dá que seja o Estado ou emprêsas particulares que produzam. O importante é agir. Mas é nossa opinião de que só o Estado poderá dirigir filmes desta natureza e fornecê-los gratuìtamente a quem dêles necessitar. A não ser que aparecesse algum generoso capitalista que pagasse a feitura dos mesmos e os oferecesse em seguida à cinemateca respectiva de onde irradiaria tôda a organização.

Mas não queremos nesta nossa primeira crónica, aborrecer os leitores com problemas graves.

Simplesmente vamos recordar o que se passou em 1937.

Informou o «Diário de Notícias» de 31 de Julho daquele ano:

«Comunica-nos a Associação Industrial Portuguesa que tomou a iniciativa de organizar o 1.º Congresso Cinematográfico Nacional. Visa, com isso, o prestimoso organismo, estabelecer um movimento para dar balanço às possibilidades cinematográficas, quer sob o ponto de vista da produção quer sob os da distribuïção e exibição, e bem assim orientar o cinema em Portugal num sentido de eficiência que ainda não tem. Quer dizer: torná-lo, além de objecto de recreio e distracção, um meio de cultura geral, um processo didático para as escolas do País, um documentário, em suma, das actividades nacionais».

Nós, é claro, como o assunto nos interessava, escrevemos nessa data um longo artigo de absoluta concordância, manifestando o desejo de que tudo corresse o melhor possível, e esperando que dêsse Congresso, que decerto iria reünir todos os que pelo cinema se interessava, saísse qualquer coisa a bem do pobre cinema educativo no nosso país, que tão atrazadinho está ainda quando tôdas as Nações encararam o assunto como merece.

E aqui está como a não realização dum congresso faz com que Portugal não conheça como merece o cinema educativo!

JERÓNIMO

OS FILMES DE COW-BOYS

Já nada poderá ressuscitar o filmes de aventuras, aquelas movimentadas «westerns» que foram uma das grandes razões do Cinema americano?

A evolução rápida do cinema prejudicou pouco a pouco, e finalmente pôs de lado, essa produção do cine americano, que gozou do interêsse de numeroso público, chegando a emocioná-lo, com os seus enredos desenvolvidos no ambiente puro do «Far-West», com o desfile das intermináveis manadas de gado, dos muitos tiros e dos bandidos, das apreciáveis habilidades do cavalo do vaqueiro, o cow-boy destemido cuja valentia era invariàvelmente premiada com o amor da heroina, não sem que se tivessem passado os mais difíceis e perigosos momentos nos quais o «cow-boy» jogava a vida e sustentava luta renhida com o vilão a par da atitude do sheriff, quási sempre mal informado a seu respeito.

Se as «westerns» se ligavam entre si por semelhança nos vários argumentos, nem por isso deixaram de se tornar agradáveis e merecedoras de grande atenção da maioria dos cinéfilos.

Apareciam sim filmes fracos mas de uma maneira geral o filme de aventuras agradou sempre, sobretudo pela beleza das suas paisagens, o imenso e belo Oeste, com seus verdejantes prados, as suas florestas, as montanhas impressionantes, tôda a beleza das paisagens do Arizona, Colorado...

Artistas houve especializados neste género de filmes, que hoje raramente aparecem e não chegam a criar a antiga emoção nas plateias dos nossos cines.

Fred Thomson, William Hart, Hoot Gibson, Ken Maynard, Buck Jones, Tom Mix e tantos outros se celebrizaram nas fitas de cow-boys.

Os cinéfilos americancos têm sido uns adeptos fervorosos dêste sistema de filmes demonstrando várias vezes serem fiéis aos seus ídolos. Talvez por isso as «westerns» não acabaram ainda de todo.

Recentemente Randolf Scott, um dos mais recentes «cow-boys», abandonou êsse género de filmes passando a interpretar os de galã. Em resultado recebeu 12 mil cartas nas quais os adeptos dos filmes ao ar livre rogaram ao actor que abandonasse o seu novo tipo de áctor cinematográfico e voltasse às suas interpretações vigorosas de herói dos ranchos e dos prados americanos.

— «Lamentamos muitíssimo — dizia uma das cartas — que V. tenha abandonado as esporas e o chapéu de aba larga. Tanto eu como os meus amigos queremos vê-lo de novo perseguindo ladrões de gado, montando o seu fogoso cavalo e disparando o seu revólver de seis tiros».

Idênticos pedidos recebem os gerentes dos estúdios sempre que se nota fraca produção de filmes de aventuras. E que as «westerns» continuam agradando ao cinéfilo americano o prova a correspondência que os «cow-boys» recebem, competindo com vantagem com os galãs dos dramas e das comédias.

Tom Mix, veterano dos «cow-boys» americanos a quem há pouco um estúpido desastre roubou a vida, recebia 40 mil cartas por mês dos seus admiradores.

George O'Brien, Buck Jones e outros dos heróis dos filmes de «cow-boys» recebem também ainda volumoso correio.

Porém os filmes de «cow-boys» estão condenados!

Apesar do interêsse e entusiasmo que ainda despertam no cinéfilo americano, os filmes de aventuras dos Vaqueiros do Oeste desaparecerão!...

Uma das razões em que se firma esta opinião é a lançada pelos estúdios: Os famosos ranchos do Oeste americano desapareceram!

As estradas asfaltadas e o número sempre crescente de automóveis contribuíram para exterminar os pitorescos ranchos que serviam de campo de acção aos filmes de «cow-boys». O rancho moderno é uma propriedade com modernas máquinas, luz eléctrica, edifícios modernos e bem cuidados jardins; a mais aperfeiçoada maquinaria agrícola e tantos outros apetrechos contrários à existência do antigo e típico «cow-boy». Os vaqueiros hoje sulcam os caminhos guiando potentes automóveis em vez de galopar como antigamente nos seus briosos cavalos.

O Cinema e as fitas do Far-West ligam-se admiràvelmente e não será sem mágua que os muitos milhares de cinéfilos admiradores da beleza de um filme de aventuras do Oeste americano deixarão de ler na fachada dos seus cines predilectos aquele letreiro sugestivo e de popularidade universal: **«Hoje, película de Cow-Boys».**

FERNANDO A. DE SÁ

CORREIO DOS NOVOS

MARIA GIL — Você é a mais assídua colaboradora desta página! Temos pena de não poder publicar todos os seus artigos, pois em cada um há sempre uma *ideia* — que é a pedra mais rara que conheço.

CONDE NADO — O artigo que mandou não foi... condenado, mas precisa de uns retoques. Quando houver tempo para lhos dar, sairá na página.

D. A. JORGE, ÉVORA — Os assuntos que trata são da alçada do Bel Tenebroso, a quem remeti a sua carta.

LUIGI VAMPA — Bem escolhido, o tema do artigo que mandou, e que será publicado, embora se lhes dêem os retoques necessários, principalmente na pontuação.

Quando quero ver cinema...

Leitores cinemófilos: leiam o portesto dum cinemófilo que quere ver Cinema e que, para isso, tem de se deslocar trinta e tantos mil metros.

— Porquê? preguntam-me talvez. E diz outro leitor: se calhar mora numa aldeia...

Não, moro numa cidade. Não vos será difícil adivinhar qual ela é pela distância aproximada que dei dessa cidade a uma outra que está considerada como a capital do Norte.

Não julgueis que a cidade onde vivo não possui casa de espectáculos! Para dizer a verdade, não possui casa, mas sim barracão de tela e lata... É uma vergonha, bem sei, mas deixo esta discussão para entrar noutra bem mais cinematográfica.

Calculai o meu desespêro, pondo-vos no meu lugar, sabendo que indo a êsse pseudo-cinema verei filmes mais antigos (desculpai-me) que o arroz de 15!...

Vós outros que estais em localidades melhor servidas que a minha, não podereis apreciar bem a falta que sinto; mas aqueles que estão nas minhas circunstâncias compreender-me-ão.

Pregunto: é ou não o cinema a distracção por excelência do século das luzes? É ou não esta Arte a que mais popularidade tem? É ou não a que mais gente movimenta?

Respondendo afirmativamente a estas questões, por que razão não está a Sétima Arte ao alcance de todos, numa difusão regulada de cinemas e numa distribuïção metódica de filmes de maneira que numa época vissemos os filmes que a ela pertencem?

Está certo é incontestável que se favoreçam «réprises» mas não daquelas que são separadas das «estreias» por três e mais épocas. E aqui, deixo o meu veemente protesto e, oxalá, que algum dia, e que êsse seja em breve, se restabeleça uma igualdade de direitos, não políticos, mas cinematográficos.

OUBLI

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

526 — BEL-TENEBROSO II *(Lisboa)*—O pseudónimo de Bel-Tenebroso está registado nos arquivos da Sociedade das Nações. De modo, amigo, tens que mudar de pseudónimo, para não incorreres nas iras de Genebra... Desta vez, porém, ainda passa, que é para ficares sabendo... — É conveniente estampilhares as cartas que são remetidas às vedetas por nosso intermédio. —Nada tens que pedir desculpa de me escreveres à máquina. Tomara eu que todos assim o fizessem!

527 — STROMBOLI *(Coimbra)* — Ignoro quem é o representante dos postais de artistas a que te referes. Mas a tabacaria onde os compraste saberá por certo informar-te. — Transmitida a tua carta a *Maria da Graça*. Mas tenho a impressão de que ela ainda não satisfez os pedidos dos admiradores.

528—IVONE DEANNE DURBIN *(Pôrto)*—Não é natural que o Fred Astaire e a Eleanor Powell continuem a filmar juntos e a razão explica-se: pertencem a filmes diferentes. E estas combinações entre os potentados das indústrias, que permitem reünir duas vedetas que figurem à cabeça dos «casts» dos filmes respectivos, são excepções a confirmar a regra dessa impossibilidade. — Êste leitor pede-me que comunique aos interessados que, possuindo as letras de 550 canções das grandes figuras da rádio e da música moderna, cederá cópias aos interessados que as solicitem.

529 — MR. SMITH *(Pôrto)* — Continua a não estar de acôrdo comigo: Mesmo que o cinema francês tivesse um mercado mais vasto (e êle tinha um mercado vastíssimo) não creio que êle pudesse conquistar a supremacia sôbre o cinema americano. A nossa polémica iria muito longe, para estar a dar-te razões. Mas não penses mais no caso, e atribui ao meu mau gôsto... — Obrigado pela letra das canções de *Traquina Querida*.—*Mr Smith* saúda *Scarlat* e manifesta o desejo de se corresponder com esta simpática leitora.

530 — MORENÓFILO *(Sertã)* — Lamento extraordinàriamente os bons cinéfilos da Província, como tu, que só podem ver um filme de longe em longe, e que, quando a ocasião se proporciona, deparam, em regra, com espectáculos sem interêsse e em precárias condições de exibição.—Para te carteares com as leitoras desta secção, deverás, por meu intermédio, solicitar delas a autorização respectiva e depois enviar-me as tuas cartas, para que eu as possa transmitir. Para fazer chegar às tuas mãos as respectivas respostas, necessito de saber o teu nome e endereço. A menos que vv. depois resolvam trocar correspondência directamente, e com isso nada tenho já que ver...

531 — SID PERCUS *(Cacilhas)* — Para fazer a tua inscrição no Clube do *Animatógrafo* deverás, num postal, dirigido à Redacção do *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65, indicar o teu verdadeiro nome, profissão, idade e morada. — Inteiramente de acôrdo contigo, no que diz respeito à tradução dos títulos dos filmes. Pela minha parte, também prefiro *Meu filho e meu filho*, a *Meu filho e meu Rival*, que trezanda, de facto, a Jorge Ohnet. —Êste leitor tem o maior interêsse em corresponder-se com *Balalaika*. Quererá *Balalaika* corresponder, por sua vez, ao seu chamamento?

532 — MANDERFADA. — *(Lisboa)*.—Podes escrever a William Holden: C/P Standard Casting Director, P. O. Box 900 Beverly Hills, Califórnia.

533 — HOGGAR *(Lisboa)* — Transmito a António Lopes Ribeiro as tuas saüdações pelo entusiasmo com que êle procura reabilitar a palavra «Cinéfilo».— Registo a tua declaração de que *Animatógrafo* é a primeira revista intelectual do cinema» e agradeço as boas palavras que lhe dedicas, bem como a todos os leitores do *Animatógrafo*, e como é natural, em especial, às leitoras dêste sexo.

534 — UM ADMIRADOR DO ANIMATÓGRAFO *(Lisboa)* — Mickey Rooney completa 21 anos a 23 de Setembro e nunca foi casado. — Tirone Power nasceu a 5 de Maio de 1914. — Freddi Bartholomew: 28 de Março de 1924. — «Se um rapaz ou rapariga quiser seguir a carreira cinematográfica, onde deverá dirigir-se?» De preferência, a Hollywood.

535 — DUQUE DE WEST POINT *(Lisboa)* — O problema dos complementos é extremamente complexo. Pela organização especial dos nossos programas e pelo facto dos nossos cinemas não darem sessões contínuas, o que os obriga a arranjar metragem que preenche 2 horas e 10 minutos de cinema, Portugal é o país que mais complementos consome. Isto mesmo nos declarou há dias um funcionário superior da Metro Goldwyn Mayer. Ora, os bons complementos não abundam. Como queres tu que seja possível mantê-los tôdas as semanas, mesmo quando o filme de fundo continua no cartaz?—Não quero crer que o Barreto Poeira, no *Pôrto de Abrigo*, haja copiado o Eric von Stroheim mas a personagem é, não há dúvida, influenciada pelo «figurino» daquêle artista. O Patrício lembra o Peter Lorre nos «Mr. Moto» e a Maria da Graça tem um arzinho de Deanne Durbin, que lhe fica a matar. — Diligenciarei obter os versos de *O Feiticeiro de Oz*.

536 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — Obrigado pelos bons votos que em teu nome, e nos de *Pinnochio*, *Dinhamá* e *Menina dos Caracóis* tiveste a gentileza de me enviar.

537 — BALALAIKA *(Lisboa)*. — *O Feiticeiro de Oz* é um filme admirável, sobretudo para quem gosta de olhar a vida através do manto diáfano da fantasia. — Transmito as tuas saüdações a *Bigamia*, *Deannófilo* e *I love Shirley Temple*.

538 — PORTUGAL IMPERIAL *(Lisboa)* — Folgo por que os artigos sôbre o Cinema nacional te continuem a interessar, como dizes. — Ignoro se a projectada *Última Noite*, que Antó Boto pensa realizar, se tornará realidade. No entanto creio que estamos longe ainda da passagem daquele filme para os domínios das realidades práticas.

539 — ANTINEA *(Lisboa)*. — A tua amiga que supunha ter decifrado a enigmática identidade de Bel-Tenebroso enganou-se. Não duvido que ela tivesse assistido à chegada do correio. Ainda menos que houvesse ouvido o nome do camarada de redacção, a que te referes, mas a conclusão é que está errada...

540 — PIRILAMPO *(Lisboa)*. — Êste leitor deseja trocar correspondência com *Benjamina* e fica aguardando a primeira carta daquela nossa simpática leitora.

541 — PRINCIPE DA MEIA NOITE *(Lisboa)* — A Gloria Jean é, fora de dúvida, uma garota encantadora. Não creio que tenha a possibilidade de fazer uma carreira como a Shirley ou a Deanna Durbin, porque tem ainda a desvantagem de haver aparecido depois de tantas meninas prodígios. — *Pinnocchio* é um filme magistral, sob o ponto de vista técnico. — Escreve à Mary Beth Hughes, para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia

542 — I AM CHARLES BOYER *(Coimbra)*. — A tua opinião sôbre *Mulheres* é judiciosa. De facto, a maioria dos tipos apresentados são especìficamente americanos. Mas olha que, por cá, há réplicas muito perfeitas... — *Ninotchka* e *Porque bates Coração?* são na realidade dois filmes notáveis, sobretudo o primeiro.

543 — DOIDO PELA MARIA DA GRAÇA. — A tua carta mais parecia dirigida à própria Maria da Graça, tal o entusiasmo que pões nas tuas palavras, tão exaltadas... Compreendo, perfeitamente, a tua admiração pela estrelinha de *Pôrto de Abrigo*, que tem, de facto, diante de si, uma carreira prometedora. — Tomei a liberdade de encurtar o teu pseudónimo. Espero que não te zangues

544 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)* — A concepção da Beleza é função em regra da sensibilidade de cada um. Isto é: não há valores absolutos Daí a dificuldade de estabelecer uma escala das mais bonitas estrêlas da Cinelândia, que não esteja sujeita à discussão. No entanto, Hedy Lamarr e Madeleine Carroll são consideradas as mais bonitas vedetas de Hollywood. Mas a Norma Shearer, a Joan Bennett, a Lana Turner e outras são autênticos prémios de beleza! — Lamento que os cinemas da província continuem tão mal apetrechados. Mas, enfim, tenhamos esperança que, com o andar dos tempos êles possam melhorar as respectivas instalações.

545 — LUIZ XV *(Algés)* — A pessoa a que te referes é o nosso camarada de redacção João Mendes—Também admiro a Joan Cawford, sob qualquer dos prismas por que a encaras.—*Luiz XV* agradece e retribui os cumprimentos de *I am Charles Boyer* e e saúda *Uma loira madeirense* e *Benjamina* — Que tens feito ùltimamente? Tenho a impressão de que estás um pouco mais preguiçoso a escrever-me.

546 — JOE MAX *(Tôrres Vedras)* — George O'Brien, ùltimamente não tem filmado — Quais os artistas que tem beijado a Ginger? De certeza, o Lew Ayres que foi marido dela...—Alguns filmes de *Jessie Matthews: Ganguay, Sailing Along, Waltzer from Viena, First a Girl, It's love Again, Head over Heels*, etc.

547 — RUY SEQUEIRA NAZARÉ *(Lisboa)* — Obrigado pela tua oferta Se preciso fôr, recorreremos aos teus bons ofícios. — Gostaria de ler uma das versões portuguesas das canções de filmes. A de *Moonlight and Shadows*, por exemplo

548 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)*—Tenho a impressão de que já te disse que gostosamente preencherei uma página do teu álbum de autógrafos. Podes mandá-lo, se assim quiseres, para a Redacção do *Animatógrafo*, na Rua do Alecrim — O Fernand Gravey é um artista de real merecimento, que não merece a tua má vontade. De resto, na *Grande Valsa* êle tinha um excelente desempenho — Os prospectos de propaganda da Madeira que me enviaste são de fazer neurastenia. Com efeito, custa a conformarmo-nos com o facto de termos um Paraíso a dois dias de Lisboa e ser tão difícil lá chegar

549 — DUQUE DE WEST POINT *(Lisboa)* — Gloria Jean nasceu a 14 de Abril de 1928 e não em 1938, com, por lapso, se disse. A «gralha» desta vez, Duque amigo, era evidente — O Charles Laughton é um artista assombroso. Não deves deixar de ver *O Outro*, onde êle tem um desempenho magnífico Dizes-me que não é astro da tua simpatia. Mas o facto não deve chegar ao ponto de te impedir de admirar um excelente filme e de lhe reconhecer um mérito incontestável

550 — PRINCIPE KATCHU *(Leiria)* — Maria da Graça, lògicamente, deveria enviar fotografias autografadas aos leitores que lhe solicitassem Muitos dos meus consulentes queixaram-se de que as cartas ficam sem resposta. De modo que não tenho elementos para responder concretamente à tua pregunta

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

551 — DUAS GAROTAS DA SERRA DA ESTRÊLA — Para se corresponderem comigo necessitam apenas de me escreverem. «Tôdas as cartas têm resposta», regra n.º 1 desta secção.

552 — E. V. E. H. *(Lisboa)* — Escreve à Alyce Faye para 2oth Century, Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia.—Obrigado, pelos teus bons votos.

553 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)* — Outra carta tua, chegada no mesmo paquete — De todos os filmes portugueses, a *Canção da Terra* foi aquêle de que mais gostei, o que não quere dizer que seja o melhor.—O James Stewart (1.º prémio de interpretação da Academia americana) é um actor magnífico. Não o deixes de ver na *Loja da esquina* e na *Cidade Turbulenta*. Tem um desempenho notabilíssimo. Transmito as tuas saüdações a *um admirador de Ginger Rogers, Gosto de Beijos, Fotogénica* e *Uma admiradora de Dick Powell*.

554 — BENJAMINA *(Lisboa)* — Não concordo nada com a suspensão que v. decretou. E aqui lhe digo: está esgotado «stock» a que se refere. — Dei os vários recados a que v. mandou. As respostas surgirão a seu tempo... — Espero que já tenha ido ver o Edison, que é filme para v. gostar e chorar por mais... Não sei se reparou naquêle personagem em que a mãi de Edison lhe diz: quando estiveres arreliado ou tiveres algum desgôsto escreve uma grande carta e manda-a ao Bel-Tenebroso. O cinema ùltimamente está a exaltar muito o «Correio de Bel-Tenebroso». *A Loja da Esquina* era um hino a esta secção! E deixe-me dizer-lhe que sei de dois leitores de *Animatógrafo*, que estão noivos e vão casar-se, depois de se terem conhecido e carteado através do correio de *Bel-Tenebroso*. A realidade, por vezes, caminha a par da fantasia...

555—FLÔR TROPICAL — Antes de mais nada, quero dar-te as Boas-vindas Que sejas muito bem aparecida! — Pelo que me dizes tens visto todos os filmes ùltimamente exibidos. Felicito-te, pois, tanto mais que todos os que citas se contam no número dos melhores da presente temporada. — O «teu» Clark Gable tem andado muito arredio das nossas telas. Êste ano, vê-lo-emos apenas num filme, *Fugitivos de Guiana*, ao lado de Crawford O *Gone with the wind* prendeu-o durante muitos meses e daí o facto de êle só nos dar uma vez, na presente temporada, o ar da sua graça.

556 — MAGDA *(Lisboa)*—Pode escrever para o Santos Mendes, ao cuidado da Lisboa-Filmes, Avenida da Liberdade, 73, 2.º, Lisboa. — Obrigado pelas tuas saudações amigas. Já publicamos uma excelente foto da Lamarr que te deve ter dado inteira satisfação.

557—RIA-DOM *(Coimbra)* — Faremos o possível no sentido de satisfazer teu desejo. — Não desanimes e espera.

558 — DOIDO COM JUIZO *(Montemor-o-Novo)* — Felicito-te por teres recebido uma excelente foto autografada de Elisa Carreira. E felicito-te porque dum modo geral é mais fácil obter uma fotografia da longínqua Garbo de que de qualquer artista nacional.—O teu amigo de Vigo pode escrever-me sempre que quiser e estou certo de que haverá leitores dispostos a cartear-se com êle. — Transmito as tuas saudações a *Bob Taylor, Donald, Shirley Aviadora, Benjamina, Bel o pirata, Princesa da Selva, Eterno Garoto, Conde Axel de Fersen da Suécia* e *Uma gaiata Cinéfila*, bem como o desejo que tens de te corresponderes com êste último.

559 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)* — Já nem falo na demora das tuas respostas. «Nem eu, gentilíssima leitora. E deixa-me dizer-te que cada vez vejo mais dificuldade em abreviar essa demora! — Com que então, achaste a Deanna, no *primeiro amor da Gata Borralheira*, mais feia? Talvez queiras dizer «menos bonita». Quanto a mim, também a prefiro na fase dos sapatinhos «à bébé» e laçarote no cabelo. Mas ela, como tôdas as raparigas dessa idade, devia estar morta por «that certain age», sobretudo por causa de «it's a date».

560 — CARLOS FERREIRA DOURADO *(Loures)* — Muito curioso o que me contas sôbre essa sessão a que assististe. Pobres cinéfilos da Província! Más aparelhagens, programas com filmes em estado lamentável, projeccionistas inhábeis, etc. É preciso, de facto, que o cinema seja um espectáculo com muito poder, para resistir a todos os atentados que se cometam, em circunstâncias semelhantes.

561 — AMO UMA PITINHA *(Lisboa)* — Respondi, oportunamente, a tua primeira carte. A que tenho presente é a reedição da primeira pois tu estavas convencido que, pela demora da resposta ela se havia extraviado. Mas tenho, pois, a dizer-te

562 — MARILU *(Lisboa)* — Correspondo com entusiasmo ao teu «Viva»!. Começo por te dar as boas vindas, com os votos de que sejas uma consulente assídua e paciente.—A namorada do Mickey Rooney nos filmes da Família Hardy é a Ann Rutherford. Ela, com efeito, é quem personifica sempre com tanta graça, a figura da deliciosa Polly Benedict, maior «atittrée do inconsequente e fogoso Andy Hardy.—O Robert Stack deve aparecer ainda esta época nas telas do cinema de Lisboa.

563 — MENINA DOS CARACÓIS—Estou convencido de que *Pôrto de Abrigo* ficou àquem do que esperavam, sobretudo se atender ao entusiasmo com que te referes àquela produção. No entanto, repara, eu não sou daqueles que negam inteiramente qualidades à película de Adolfo Coelho. Pelo contrário, cinematogràficamente já temos visto pior...—Podes solicitar as fotos de Maria da Graça e Igrejas Caeiro, escrevendo aqueles artistas por intermédio do *Animatógrafo*. Não te posso garantir, infelizmente, que êles correspondam aos teus bons desejos. — Esta gentilíssima leitora saúda *Dinhamá, Uma garota de Lisboa, Pinocchio* e *Benjamina*, «com quem simpatiza bastante».

564 — UM ASSINANTE DE «ANIMATÓGRAFO», etc. *(Peniche)*—Resumi o teu pseudónimo, que era demasiado extenso. — *As viagens de Gulliver*, como sabes, foi estreiada no Eden. *Gone with the Wind*. (E tudo o vento levou) deve ser apresentado em Portugal, no decurso da próxima temporada.

565 — ANTINEA — Não tem razão, Antinea! É possível que por vezes, as referências sejam contra aquilo que tenho dito: respondo às cartas pela ordem da entrada na Redacção. Diz-me v. que há nomes que aparecem, em relação a outros, com uma freqüência exagerada. Não contesto. Mas saiba que há leitores como o *Rey sem trono*, o *Conde Axel de Fersen da Suécia*, etc. que me chegaram a escrever seis cartas (e que cartas!) por semana. — Há certos programas de cinemas que são, na realidade, lamentáveis. Outros, porém encerram indicações completas sôbre o filme e o espectáculo, dum modo geral. Neste capítulo, deixa-me dizer-te que os cinemas portugueses, em relação, aos estrangeiros, apresentam por vezes, programas mais interessantes e completos. Tenho em meu poder, por exemplo, os do «Metro», o maior cinema do Rio de Janeiro. E não são mais explicativos ou informativos do que os nossos.—Quanto à tal discussão, a propósito da Deanna, também voto na flor... Mas valeria a pena discutir o caso?!...

556—ETERNO GAROTO *(Lisboa)* — A parceira de Clark Gable na *Irmã Branca* foi Helen Hayes; em *Terra Abrazadora*, Jean Harlow; em *O Escândalo do Dia*, Constance Bennett. Há um filme de Clark Gable intitulado, de facto, *Puro sangue*. Título original: *Sporting Blood*.

567 — DEANNÓFILO *(Pôrto)* — Muito folgo por que *Animatógrafo* continui a agradar a todos os cinéfilos do Pôrto. Conforme, o Director da nossa revista prometeu, os leitores nortenhos vão ter, dentro em breve, novos motivos para celebrar a existência e a acção do Animatógrafo.

568 — RICARDO, CORAÇÃO DE ELEFANTE *(Pôrto)*—Êste leitor deseja corresponder-se com *Shirley Aviadora*, leitora cujo pseudónimo lhe inspirou o maior interêsse, uma vez que conta Shirley e a Aviação no número das suas vedetas e dos seus desportos favoritos.—Comunica ainda a *Princesa da Selva*, que aguarda a foto que ela lhe prometeu.

569 — DETECTIVE CINÉFILO—Achei muito engraçado a tua dedução. Mas tenho a impressão de que te enganaste. — Deixa-me dizer-te que folgo por que te hajas resolvido a escrever-me. Quanto à tua letra não é tão má como a pintam.—*Detective Cinéfilo* oferece uma foto 24×30 de Clark Gable à leitora que fôr capaz de enumerar as razões que a levaram a adoptar semelhante pseudónimo. Como há, por certo, entre os que nos lêem, pessoas que se dedicam ao charadismo, é de crer que haja pretendentes à foto do Gable...

570 — ARMINDO BLANCO *(Lisboa)* — Em primeiro lugar, quero felicitar-te pela boa figura que tens feito na «Página dos Novos». É assim que se começa, amigo.—O vosso jornal «Mundo Cinematográfico» é delicioso. E deixa-me dizer-te que, se fôsse impresso, não faria má figura. A Redacção de *Animatógrafo* apreciou-o devidamente e elogiou-o como merece. — Quanto a minha identidade, o mais tenebroso mistério paira sôbre ela.

571 — PRINCESA DOS DIABRETES *(Lisboa)* — Continuo fiel à Dorothy Lamour, vedeta de minha tão grande simpatia. Tu supões que eu mudo, assim, com essa facilidade. «La donna e mobile», não te esqueças visa apenas as mulheres. O seu, à sua donna... —A admiração pessoal, dos redactores do *Animatógrafo*, no capítulo das estrêlas, vai para as estrêlas-Mulheres e não para as «estrêlas-artistas». O facto de eu admirar Lamour, de Lopes Ribeiro preferir a Jean Arthur, do Félix Ribeiro manifestar a sua simpatia pela Eleanor Powell, não quere dizer que as consideremos como as melhores artistas do cinema, mas sim como as Mulheres que pelo seu encanto pessoal, ou pela sua beleza física, pelo seu atractivo ou «sex-apeal», são as nossas previstas.— Igrejas Caeiro é locutor da Emissora Nacional—Ignoro os projectos do Dr. Selénio Calheiros, no que diz respeito ao cinema.

573 — BAKY DUMPLING *(Lisboa)* — Parece-me que não reúnem as condições para entrar no *Clube do Animatógrafo*. Com efeito, poderás ter ido ao cinema aos 10 anos de idade, mas não na qualidade de cinéfilo consciente...—Não me surpreende o facto de não teres recebido foto de Maria da Graça. Em regra, as vedetas portuguesas, por um conjunto de circunstâncias de que muitas vezes não são as culpadas, não têm a possibilidade de satisfazer os pedidos dos seus admiradores. —Não quero encerrar esta primeira resposta sem te dizer quanto apreciei a tua resolução de me escreveres. Sempre que tenhas qualquer dúvida ou queiras trocar impressões sôbre o Cinema não deixes de rabiscar uma carta para Bel-Tenebroso.

573 — JOAQUIM SAMPAIO JÚNIOR *(Lisboa)* — Escreve à Deanna Durbin, em português, para Universal Studios, Universal City, Califórnia.

Bel-Tenebroso



GEORGE BRENT

Tal como Joan Blondell, a quem nos referimos nesta página, George Brent aparece no cinema depois de uma larga experiência no teatro, onde foi actor, director de companhia e empresário.

Irlandês de raça — foi em Dublin, a 15 de Março de 1904 que êle nasceu. George Brent, logo que se viu de posse da carta de curso da Universidade Nacional de Dublin, depressa meteu na gaveta o diploma, e mais ràpidamente ainda entrou para a companhia do Abbey Theatre, na capital da Irlanda, uma das mais notáveis organizações de teatro da Europa.

Mas o espírito irrequieto, a necessidade de aventura que caracterizam os seus compatriotas, não tardou muito a fazer-se sentir na vida do jovem Brent. A América, onde a colónia irlandesa é das maiores, em Nova York muito especialmente, passou a ser para êle o seu supremo desejo, a sua máxima aspiração. E foi assim que um belo dia o teatro americano passou a ser para êle o seu supremo desejo, a sua máxima aspiração.

O cinema vem alguns anos depois, quando os acasos duma «tournée» o levaram à California. Ali, êle é hoje um daqueles raros actores de excepção de que o cinema americano justamente se orgulha. Dele vimos já magníficas interpretações em «Agente Especial» e «Flexa de Oiro», com Bette Davis, «És doido... mas Quero-te!», e «Manhas de Amor» com Kay Francis por «leading-lady», «A Lei da Floresta» com Beverly Roberts por primeira actriz, «Ela tinha Razão!» ao lado de Jean Arthur, etc. Vamos vê-lo em breve numa grande criação, no filme da SIF «A Batalha do Oiro».

George Brent representa um caso aparte na colónia cinematográfica. Os meios de diversão e prazer de Hollywood são-lhe completamente indiferentes. Nunca ninguém o vê nessas «parties» famosas que são parte integrante da vida social de Hollywood.

Foi casado com Helen Campbell, Ruth Chatterton e Constance Worth, uma jovem australiana, de quem se divorciou em 1937. George Brent foi uma das paixões mais sérias de Greta Garbo, e teve em Bette Davis um dos seus casos amorosos. Agora, Ann Sheridan é a sua «mais que tudo»... Mora em 704, Palm Drive, Beverly Hills.

JAIME DE CASTRO



JOAN BLONDELL

Não é uma carreira banal a que Joan Blondel se orgulha de apresentar. Dois números apenas servem para ilustrar com extrema eloqüência essa carreira — em 32 anos de idade, ela conta 28 de actriz!

Isto significa, simplesmente, que Joan, aos quatro anos, na idade ideal das bonecas e das birras, aparecia já no teatro.

Com seus pais fez a sua estreia na ribalta, com êles também percorreu a Europa, a China e a Austrália, a seu lado cinqüenta e seis vezes deu a volta aos Estados Unidos.

Só, em 1930, no Texas, ela os deixou, abandonando por sua vez a carreira exaustiva de artista de «vaudeville» para aparecer no teatro declamado.

Nova York segue-se ao Texas, onde uma curta passagem pelos inimitáveis coros das Ziegfeld Follies lhe abre a porta do teatro mais sério, interpretando, ao lado de James Cagney, com quem anos mais tarde deveria voltar a contracenar, no cinema, a peça «Sinners Holiday».

Hollywood é a trajectória natural dos êxitos de Nova York. Como não podia deixar de ser, Joan Blondell não consegue escapar a êsse destino irremediável... E por isso, depois de aparecer ao lado de Barbara Stanwych em «Illicit», Miss Blondel, a das pernas impecáveis e das formas perfeitas, voa pelas suas próprias azas, A sua actividade é assombrosa, pois chega durante pouco mais de dois anos a aparecer em trinta filmes! Mas é sobretudo a famosa série das Golddiggers, da Warner, que lhe dá a sua grande popularidade.

«Mil Apoteoses», «Guerra ao Crime», «Orgia Dourada», «O Congresso que Passa», o notável «O Rei e a Corista», «Fábrica das Ilusões», etc., são alguns filmes de Joan Blondell a simpatiquíssima vedeta que a SIF nos vai apresentar brevemente, ao lado de Erroll Flynn, numa comédia espantosa — «O Homem Perfeito».

Joan Blondel, divorciada do operador George Barnes, casou em 20 de Setembro de 1936 com Dick Powell, seu parceiro em vários filmes. É um dos casais exemplares de Hollywood. Tem um filho do primeiro matrimónio, Norman, e uma filha de Dick Powell, Ellen.

Nasceu em Nova York, a 30 de Agosto de 1909 e vive em Hollywood, em 711 N. Maple, Beverly Hills.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



OLIVIA DE HAVILLAND, da Warner Bros, que a S. I. F. vai apresentar na super-produção technicolorida **«A Batalha do Oiro»**

ÈSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: MICKEY ROONEY